

PATRICIA FERNANDA CHERUBINI BRENTAN

Estratégias marcadas de focalização no inglês e
no português falado: análise contrastiva



1910001036



Patricia Fernanda Cherubini Brentan

Estratégias marcadas de focalização no inglês e
no português falado: análise contrastiva

Dissertação apresentada ao Instituto de
Biociências, Letras e Ciências Exatas da
Universidade Estadual Paulista, Câmpus de
São José do Rio Preto, para a obtenção do
título de Mestre em Estudos Lingüísticos
(Área de Concentração: Análise Lingüística).



T4036/02

Orientador: Prof. Dr. Roberto Gomes
Camacho

São José do Rio Preto

2001

44

B839e

Linguística

Assunto CAPES: 8.01.00.00-7 - Linguística

Brentan, Patricia Fernanda Cherubini.

Estratégias marcadas de focalização no inglês e no português falado: análise contrastiva / Patricia Fernanda Cherubini Brentan. – São José do Rio Preto : [s.n.], 2001.

153 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Roberto Gomes Camacho.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas.

1. Foco. 2. Linguística. 3. Gramática. 4. Análise contrastiva. I. Camacho, Roberto Gomes. II. Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título

CDU – 41

Sumário

Sumário	02
Lista de figuras	04
Lista de tabelas	05
Resumo	06
Abstract	07
Introdução	08
1. Justificativa e relevância do tema	08
2. Proposta de trabalho	15
3. Hipóteses do trabalho	18
4. Organização geral do trabalho	22
Capítulo 1: Fundamentos Teóricos	25
1.1. Enfoque teórico adotado	25
1.2. Caracterização do Foco na perspectiva funcional	40
1.3. Uma tipologia funcional do Foco	57
Capítulo 2: Universo de pesquisa e procedimentos metodológicos	72

Capítulo 3: Análise descritiva das estratégias de focalização	96
3.1. Mecanismos gerais de focalização: análise comparativa	96
3.2. Mecanismos específicos de focalização: a clivagem	107
3.3. Mecanismos específicos de focalização: subtipos de inversão de constituintes	113
3.4. Mecanismos de focalização e escopo	119
3.5. Mecanismos de focalização e Finalidade Comunicativa	127
Considerações finais	133
Referências Bibliográficas	147
Anexos	149

Lista de figuras

Figura 1 - hierarquia de constituintes conforme a
incidência da função de Foco

124

Lista de tabelas

Tabela 1 – Estratégias formais de focalização	97
Tabela 2 - Estratégias sintáticas e não-sintáticas de focalização	102
Tabela 3 - Distribuição de subtipos de clivagem	107
Tabela 4 - Ordem especial de constituintes	113
Tabela 5a - Relação entre estratégias formais de focalização e escopo no português	119
Tabela 5b - Relação entre estratégias formais de focalização e escopo no inglês	120
Tabela 6a - Estratégias formais de Foco e Finalidade Comunicativa no português	127
Tabela 6b - Estratégias formais de Foco e Finalidade Comunicativa no inglês	128

BRENTAN, P. F. C. *Estratégias marcadas de Focalização no inglês e no português falado: Análise contrastiva*. São José do Rio Preto, 2001. 00p. Dissertação (Mestrado em Análise Lingüística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Câmpus de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista.

RESUMO

Essa dissertação estuda quais são as distinções gramaticalmente relevantes que o português e o inglês falado selecionam para investigar as expressões verbais com a função pragmática de Foco à luz da teoria funcional de Dik (1989) e da tipologia lingüística proposta por Van Valin em sua *Gramática de Papel e Referência* (1997, 1999). Associada aos mecanismos lingüísticos de marcação de Foco propostos por Dik (*op. cit.*) também se analisam a Finalidade Comunicativa da função focal e seu escopo.

Palavras-chave: análise, foco, comunicação, gramática

BRENTAN, P. F. C. *Marked focusing strategies in spoken English and Portuguese: Contrastive Analysis*. São José do Rio Preto, 2001. 00p. Dissertação (Mestrado em Análise Lingüística) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Câmpus de São José do Rio Preto, Universidade Estadual Paulista.

ABSTRACT

This paper studies what are the grammatically relevant distinctions that spoken Portuguese and English choose in order to search the verbal expressions with the pragmatic function of focus based on Dik's functional theory (1989) and on a linguistic tipology presented by Van Valin in his *Role and Reference Grammar* (1997, 1999). Linked to the linguistic mechanism of marked focus presented by Dik (*op. cit.*) the Communicative Point and the focal scope are also analysed.

Keywords: analysis, focus, communication, grammar.



INTRODUÇÃO

Isto ao menos parece hoje estar claro: teoria e descrição lingüísticas por si sós ainda não levam ao desenvolvimento de realizações práticas ao ensino de línguas, mas constituem uma preliminar indispensável a um desenvolvimento ótimo e eficaz dessas realizações práticas. (Helbig, *apud* Roulet, 1978, p. 73)

1. Justificativa e relevância do tema

As experiências que um professor vivencia o obrigam continuamente a repensar o ensino, o que significa submeter continuamente a questionamento a prática pedagógica para promover seu aperfeiçoamento em direção a uma possível otimização dos procedimentos pedagógicos.

Exercendo o papel de professora de inglês, observo continuamente situações em que o aluno procura se expressar, principalmente oralmente, associando as estruturas de sua língua

materna, no caso, o português, com as estruturas que tem de aplicar para comunicar-se em inglês. Tenho notado também que, não raras vezes, o aluno se sente frustrado ao conscientizar-se de que, como as línguas nem sempre apresentam similaridade estrutural, certos padrões próprios da língua materna não são pertinentes na segunda língua.

Questionando-me sobre qual é a melhor solução para resolver essas situações sem causar muito desalento no aprendiz, considero que é a estrutura gramatical das línguas relevantes o depositário fiel dos melhores argumentos para, desde cedo, mostrar ao aluno procedimentos alternativos de dizer a mesma coisa em diferentes línguas. Conscientizei-me, eu mesma, de que a melhor resposta para grandes dúvidas pedagógicas se encontra na estrutura das línguas, em suas semelhanças e diferenças, e de que a prática pedagógica tanto mais se enriquece quanto mais o docente for capaz de entender o funcionamento das línguas com que opera.

É consensual que estudar cabalmente a estrutura gramatical de uma língua é tarefa árdua, tornando-se praticamente impossível chegar a explicar toda a complexidade de que são dotadas as línguas naturais humanas; mais árdua ainda é a tarefa quando se depara, de saída, com

o fato de que as línguas se acham em transformação, num processo de renovação incessante.

Segundo Roulet (1978), o principal objetivo do ensino de línguas modernas é permitir ao indivíduo comunicar-se com seus interlocutores nas diversas situações e contextos que a vida impõe. A admissão desse objetivo pressupõe a aceitação de três condições, que segundo o autor, são usualmente desconsideradas:

- i) dominar uma língua como instrumento de comunicação não consiste apenas em testar a gramaticalidade das orações, o que seria suprido por um bom conhecimento apenas da estrutura gramatical; mas consiste também em saber como usar as orações em determinados contextos lingüísticos e não-lingüísticos. Dito de outra forma: se, por um lado, é necessário saber como combinar constituintes para produzir orações e como combinar orações para produzir unidades comunicativas maiores, como textos e diálogos, por outro, é necessário saber como produzir e empregar enunciados adequados em certas situações de comunicação.
- ii) Comunicar-se com interlocutores não implica apenas transmitir informações ou formular perguntas. Além da função referencial,

cognitiva, outras funções da linguagem¹ concorrem com a referencial, chegando a sobrepujá-la em certos contextos.

- iii) Comunicar-se satisfatoriamente não se restringe simplesmente ao conhecimento de uma variedade pura, homogênea e monolítica de uma língua. Saber uma língua como instrumento de comunicação implica compreender suas principais subvariedades e saber empregá-las nas situações apropriadas. (cf. Roulet, 1978, p. 81-83)

Examinando a contribuição da lingüística ao ensino de línguas de Saussure a Chomsky, Roulet (*op. cit.*) observa que essas teorias deixaram de fornecer informações relevantes quanto ao uso da língua como instrumento de comunicação, principal objetivo do ensino de língua estrangeira.

Ao traçar o programa de pesquisa de que resultou este trabalho, senti-me fortemente motivada, como professora de inglês, pelas três condições propostas por Roulet (*op. cit.*). Com efeito, não são suficientes nem o conhecimento da estrutura gramatical, por si só, nem o conhecimento exclusivo da função referencial ou cognitiva da linguagem. É necessário levar em conta o modo como a estrutura

¹ O autor se refere aqui às seis funções da linguagem desenvolvidas por Jakobson (1969).



gramatical reflete as dimensões semântica e pragmática da linguagem como condição prévia para assegurar, no ensino da língua materna e estrangeira, os três objetivos acima relacionados. Assim, meu interesse imediato voltou-se para a seleção de aspectos descritivos que pudessem, em outra etapa, fornecer subsídios para uma metodologia pedagógica mais adequada a um enfoque comunicativo no ensino de língua estrangeira, especificamente, do inglês.

Como, todavia, uma dissertação tem que fixar limites, julguei que o que poderia estar mais próximo de um tema que fosse motivado por essa visão de linguagem, como instrumento de comunicação, é exatamente tratar de um tema que vincule a forma de expressão gramatical e o uso em situações de comunicação. Pareceu-me claro que a lingüística funcionalista seria o arcabouço teórico mais adequado e que, dentre tantas funções que a forma gramatical é capaz de manifestar, uma, a focal, é extremamente vinculada à situação de comunicação, ao jogo mútuo de imagens que fazem entre si os interlocutores. Com efeito, a informação pragmática do Emissor inclui, segundo Dik (1989), uma teoria a respeito da informação pragmática do Receptor e vice-versa, de modo que cada participante tem um conhecimento detalhado e usualmente bem estruturado a

respeito de outro e é essa teoria que exerce um papel essencial na interação verbal. Assim, a função focal é motivada pelas antecipações que os participantes fazem a respeito da natureza da informação que possivelmente compartilham. Conforme diz Neves:

A informação focal diz respeito às mudanças que o falante quer trazer à informação pragmática do destinatário, mudanças que podem tomar diferentes formas, como um acréscimo ou substituição. Tipicamente, então, a informação focal numa expressão lingüística pertence à diferença entre a informação pragmática do falante e a que ele julga que seja a do ouvinte, sendo a informação focal a que é apresentada como “nova”, ou como relevante, para o destinatário. (Neves, 1997, p. 98)

Centrar a atenção na focalidade significa, para este trabalho, buscar subsídios descritivos e funcionais que sirvam de alicerce para o desenvolvimento de uma prática de ensino voltada, por um lado, para o conhecimento da estrutura gramatical dos sistemas lingüísticos em questão, no caso, o do português e o do inglês e, por outro, voltada para a natureza comunicativa da linguagem, vinculando estreitamente as dimensões gramatical e pragmática.

Não se trata de estudar a informação nova, o que não estaria muito distante do estudo da função referencial em si da linguagem;



trata-se de focar aqui as construções marcadas de foco, empregadas em situações definidas de comunicação em que um dos participantes, ao avaliar a informação de que dispõe o interlocutor, procura contrapor-se às suas pressuposições, substituindo-a por outra, restringindo-a, expandindo-a etc.

O enfoque pragmático da expressão gramatical tem um papel preponderante no ensino de línguas estrangeiras, quando se assume uma abordagem essencialmente comunicativa, o que se dá com uma metodologia pedagógica assentada na implementação de situações de diálogos comuns do dia a dia.

Um outro argumento que justifica plenamente a escolha desse assunto se sustenta no fato de que o estudo comparativo permite orientar o trabalho pedagógico na medida em que a descoberta de semelhanças e diferenças entre as estruturas do português e do inglês fornece parâmetros mais claros e precisos para resolver com um grau mais elevado de acerto os problemas de transposição de estrutura que são comuns em sala de aula.

2. Proposta de trabalho

O objetivo deste trabalho é estudar a função pragmática de atribuição de foco com a finalidade de estabelecer semelhanças e diferenças a partir de uma comparação entre a gramática do português e a do inglês em uso no processo de comunicação oral.

Dik (1989) menciona os seguintes mecanismos lingüísticos, universalmente empregados para formular construções de Foco marcado: o uso de proeminência prosódica, de marcadores especiais, como advérbios focalizadores, de construções especiais, como interrogativas em eco, estruturas de clivagem, ordem especial de constituintes. Esses mecanismos são enfocados, segundo ele, a partir de seu escopo, ou seja, se a expressão Focal incide sobre toda a predicação, caso de foco largo (*wide focus*), na classificação de Van Valin (1997), ou sobre algum constituinte oracional, caso de foco estreito (*narrow focus*), também para Van Valin (*op. cit.*). Além disso, Dik (*op. cit.*) trata de subclassificar os mecanismos segundo a Finalidade Comunicativa (*Communicative Point*) com que são empregados. O que se pretende enforçar nesse trabalho é o

comportamento desses mecanismos lingüísticos de marcação de Foco associados aos seu escopo e sua Finalidade Comunicativa.

Dik (1989) entende ainda que construções marcadas e não-marcadas de Foco ocorrem tanto intra quanto translingüisticamente; isso determina, muitas vezes, diferenças tipológicas relevantes entre as línguas, aspecto mais desenvolvido por Van Valin (1999), que é pertinente investigar em virtude de tratar-se aqui de uma pesquisa comparativa.

Como se mencionou na seção anterior, pretende-se centrar a atenção sobre as construções marcadas de Foco. Uma construção é marcada quando sua ocorrência é menos esperada na língua em questão, de que resulta uma saliência especial sobre o enunciado que a contém; para Dik “quanto menos freqüente, mais raro será um item lingüístico e este terá mais valor de marcação na língua.” (Dik, 1989, p. 18).² Deve-se considerar não somente a necessidade de existirem construções alternativas para saber se uma delas é marcada ou não, mas deve-se considerar também critérios de freqüência das construções para ser possível determinar o valor de marcação em uma

² “In general, the less frequent, the more rare a linguistic item is, the higher its markedness value” (Dik, 1989, p. 38).



língua e, conseqüentemente, o grau de expressividade de uma construção em relação a outra.

Além disso, Dik (*op. cit.*) considera que o valor de marcação de um item lingüístico não é uma propriedade fixa, imutável; ele pode variar de acordo com o ambiente e com a freqüência, ou seja, um item marcado em um dado ambiente pode ser não-marcado em outro e se o uso de um item marcado se torna mais freqüente, ele perde gradualmente seu valor de marcação.

Considerando-se a definição de Dik (*op. cit.*) para construções marcadas, tratar-se-á de observar os procedimentos de atribuição da função pragmática de Foco no inglês e no português, com o objetivo de se tentar estabelecer um padrão tipológico de comportamento para as duas línguas em relação à manifestação dessa função pragmática; para tanto, analisaram-se somente as construções marcadas de Foco no discurso oral.

Os critérios para o levantamento dessas construções marcadas serão estabelecidos a partir de uma investigação bibliográfica na literatura disponível sobre o assunto em ambas as línguas.



3. Hipóteses de trabalho

As hipóteses que este trabalho pretende confirmar ou rejeitar baseiam-se, principalmente, em dois autores funcionalistas que consideram a importância das funções pragmáticas na comunicação, circunscrita aqui à função focal. Para a formulação das hipóteses, relacionaram-se os parâmetros definidos por Dik (1989) para uma classificação dos mecanismos lingüísticos de marcação de Foco, com o conceito de tipologia lingüística baseado nos critérios de rigidez vs flexibilidade da estrutura gramatical e da estrutura focal, proposto por Van Valin (1999).

Van Valin (*op. cit.*) entende que a flexibilidade ou rigidez sintática das línguas está relacionada com a ordem de seus constituintes, ou seja, com a possibilidade de as línguas alterarem ou não sua ordem de palavras, durante a comunicação. Já a flexibilidade ou rigidez focal está relacionada ao domínio potencial de foco (*potencial focus domain*), ou seja, à parte da sentença em que potencialmente se encontra um elemento focal; logo, apresenta foco flexível uma língua cujo domínio potencial pode ser qualquer



constituente da oração; já uma língua cujo domínio potencial se limita a uma parte específica da oração, apresenta foco rígido.

Tendo em mente a definição de rigidez vs flexibilidade sintática e focal de Van Valin (1999) associada aos mecanismos lingüísticos de marcação de Foco, chegou-se a algumas hipóteses quanto ao comportamento dessa função pragmática em ambas as línguas:

- 1) Os marcadores especiais são constituintes das orações descritos, tanto no português quanto no inglês, como partículas específicas para marcação de Foco; logo, supõe-se que as ocorrências de Foco associadas a esse mecanismo terão a mesma proporção de casos nas duas línguas, não havendo diferenças em relação ao seu comportamento.
- 2) Os outros mecanismos lingüísticos de Foco de Dik (1989), quando associados à rigidez sintática apresentada por Van Valin (*op. cit.*), terão as seguintes características:
 - (i) O inglês dispõe de sintaxe mais rígida que o português, com um número menor de possibilidades de reordenação de constituintes.
 - (ii) Um parâmetro que deve correlacionar-se harmoniosamente com a sintaxe mais rígida do inglês pode estar representado em uma

freqüência relativamente maior de uso de proeminência prosódica que o português. Essa hipótese se justifica pelo fato de que a proeminência prosódica não implica a necessidade de reestruturação sintática para acomodar a necessidade de atribuição de uma função pragmática como a de Foco.

- (iii) Se (ii) for verdadeira, a incidência maior de proeminência prosódica para a atribuição de Foco no inglês deve acarretar, como compensação, um número relativamente menor de casos de construções de ordem especial.
- (iv) Se todas as hipóteses acima se aplicarem ao inglês, elas terão que ser aplicadas em termos inversamente proporcionais ao português, que, como língua de sintaxe menos rígida e de foco menos flexível, disporia de um maior número de casos especiais de ordenação de constituintes e um menor número de procedimentos prosódicos.
- (v) Ainda no âmbito das construções especiais, supõe-se que os diversos tipos de clivagem tenham diferente distribuição, em função dos diferentes graus de rigidez sintática e flexibilidade focal das duas línguas em estudo.

- (vi) Espera-se que haja uma interação entre a natureza do mecanismo de focalização e seu escopo com o grau de rigidez da estrutura sintática, hipótese que permitirá uma aproximação frutífera entre a teoria funcional de Dik (1989) e a de Van Valin (1997).
- (vii) Espera-se também que a especialização de algum mecanismo tipicamente sintático, ordem especial e clivagem, esteja diretamente relacionado a uma especificação da finalidade Comunicativa do Foco, como Completivo ou Contrastivo e seus subtipos específicos.

4. Organização geral do trabalho

De acordo com os objetivos acima estabelecidos, este trabalho deverá ocupar-se, basicamente, de uma análise dos mecanismos de Focalização empregados em língua falada em situação de diálogo informal para verificar se as duas línguas enfocadas, o português e o inglês, manifestam diferentes graus dentro da classificação tipológica em que se inserem.

Para executar essa tarefa, em primeiro lugar, logo no Capítulo 1, trata-se de esclarecer, mediante leitura da bibliografia pertinente, os fundamentos teóricos, que permitam esclarecer, por um lado, o enfoque adotado e, por outro, detalhar o conceito de foco. Explicita-se o objeto de estudo, no caso a língua falada, o ponto de vista adotado, o enfoque funcionalista. Considera-se basicamente a posição de Dik (1989) sobre o assunto por ser a abordagem funcionalista que não só melhor responde às necessidades deste trabalho, como também a que trata a língua como um instrumento de interação social, enfatizando a comunicação como um padrão interativo e dinâmico de atividade, mediante o qual se efetuam certas mudanças na informação pragmática dos participantes. O conceito de foco é abordado à luz do



trabalho de Dik (1989, 1997), e de Van Valin (1997), também complementados pela abordagem transistêmica de Van Valin (1999) o que é pertinente partindo do enfoque comparativo deste trabalho.

Vale ressaltar que, nos casos em que os mecanismos lingüísticos de Foco descritos por Dik (1989) não forem suficientes para a descrição ou elaboração de variáveis para este estudo, o tratamento do foco será completado por referência à gramática do inglês, de Quirk *et. al.* (1989) e à gramática do português de Mira Mateus *et. al.* (1994). Apesar de darem, em geral, um tratamento gerativista ao assunto, essas gramáticas são perfeitamente compatíveis com os critérios exigidos por este estudo como se verá mais adiante.

O capítulo 2 apresenta o universo de pesquisa, ou seja, a natureza do corpus que serviu de amostra para o levantamento, e os procedimentos metodológicos de análise, como os critérios e grupo de fatores, mediante o uso do pacote VARBRUL, estabelecidos para o tratamento do foco, com base nos fundamentos teóricos discutidos no capítulo 1.

No capítulo 3, apresentam-se os resultados da análise, de acordo com as hipóteses acima mencionadas e os critérios estabelecidos. Privilegia-se um tratamento qualitativo dos dados com base em



evidências empíricas de natureza quantitativa que permitam chegar a algumas deduções gerais sobre a focalização, com suporte na comparação entre o português e o inglês.

Fecham este trabalho as *Considerações Finais*. Apresenta-se um balanço das hipóteses formuladas em relação à descrição dos resultados, com o objetivo de formular algumas conseqüências gerais de natureza tipológica que permitam contrastar os dois sistemas lingüísticos em estudo, postulando-se, com base em evidência empírica, a existência de alguns padrões gerais de atribuição da função Focal existentes no inglês e português.

Espera-se que este esforço de pesquisa seja um bom exemplo do princípio, constante na epígrafe de abertura, de que se teoria e descrição lingüísticas por si sós não levam ao desenvolvimento de realizações práticas ao ensino de línguas; devem, pelo menos, constituir uma preliminar indispensável a um desenvolvimento ótimo e eficaz dessas realizações práticas.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTOS TEÓRICOS

1.1. Enfoque teórico adotado

A tentativa de caracterizar o enfoque funcional parece tarefa mais fácil, se a esse modelo for contraposto o formal, tal como o faz o próprio Dik (1989 *apud* Neves, 1994). O enfoque formal define a língua como um conjunto de orações com a finalidade principal de expressar pensamentos; o estudo da competência, considerada como a capacidade de produzir, interpretar e julgar orações, tem prioridade sobre o do desempenho. As orações da língua são descritas independentemente do contexto e os universais lingüísticos são propriedades inatas do organismo humano. A sintaxe é autônoma em

relação à semântica; as duas em relação à pragmática e as prioridades vão da sintaxe à pragmática, via semântica.

Já o paradigma funcional define a língua como um instrumento de interação social, tendo como função principal a comunicação; a competência lingüística é considerada comunicativa, e consiste na habilidade de interagir socialmente com a língua. A descrição das expressões deve fornecer dados para a descrição de seu funcionamento num dado contexto e os universais lingüísticos são explicados em função de restrições comunicativas, biológicas, psicológicas ou contextuais. A pragmática é o quadro dentro do qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas, as prioridades vão da pragmática à sintaxe, via semântica.

Essa contraposição entre os modelos formal e funcional mostra que o objeto de estudos difere radicalmente em função da delimitação do ponto de vista. Sendo assim, a opção por um tratamento funcional e não formal do Foco, objeto de estudo deste trabalho, passa a ser condição necessária, já que se trata de uma categoria essencialmente pragmática. Essa imposição não impede, todavia, que, quando necessário, faça-se referência a outros trabalhos de natureza formal, como as gramáticas de Quirk *et. al.* (1989) para o inglês e de Mira

Mateus *et. al.* (1994) para o português. Como os modelos formais priorizam a sintaxe, é natural que se dediquem a fornecer uma categorização estruturalmente mais detalhada das categorias envolvidas. O acesso a essa formalização servirá apenas para complementar, quando for o caso, a caracterização de categorias funcionalmente orientadas.

Neves (1997) entende que qualquer abordagem funcionalista de uma língua natural, na verdade, tem como questão básica de interesse a verificação de como se obtém a comunicação, isto é, a verificação do modo como os usuários da língua se comunicam eficientemente. Em princípio, poder-se-ia dizer, pois, que o que o tratamento funcionalista de uma língua natural põe sob exame é a competência comunicativa. Isso implica considerar as estruturas das expressões lingüísticas como configurações de funções, sendo cada uma das funções vista como um diferente modo de significação na oração. Ao lado da noção essencial de que a linguagem é um instrumento de comunicação, encontra-se nos funcionalistas um tratamento 'funcional' da própria organização interna da linguagem. Quando se diz que a gramática funcional considera a competência comunicativa, diz-se exatamente que o que ela considera é a

capacidade que os indivíduos têm não apenas de codificar e decodificar expressões, mas também de usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacional satisfatória.

Dik (1989) afirma que a interação verbal, ou seja, a interação social por meio de uma língua, é uma forma de atividade estruturada e cooperativa. Uma atividade é estruturada por ser governada por regras, normas e convenções e é cooperativa no sentido óbvio de que precisa de pelo menos dois participantes para que seus objetivos sejam atingidos. Dentro da interação verbal, os participantes se beneficiam de certos instrumentos que, no sentido geral do termo, pode-se chamar *expressões lingüísticas*:

Do ponto de vista funcional, a lingüística tem que lidar com dois tipos de sistemas de regras que são as regras que governam a constituição das expressões lingüísticas (regras semânticas, sintáticas, morfológicas e fonológicas) e as regras que governam os padrões da interação verbal no qual estas expressões lingüísticas são usadas (regras pragmáticas). (Dik, *apud* Neves, 1997, p. 21)

O primeiro sistema de regras, o gramatical, é instrumental em relação aos objetivos e propósitos do segundo, ou seja, a exigência básica do paradigma funcional é de que as expressões lingüísticas

devem ser descritas e explicadas em termos de uma estrutura geral fornecida pela sistema pragmático da interação verbal.

No modelo de interação verbal de Dik (1989), o Emissor organiza suas expressões lingüísticas de acordo com a avaliação que elabora da informação pragmática do Receptor no momento da enunciação. O objetivo do Emissor é, em geral, levar o Receptor a efetuar alguma mudança na informação pragmática de que este dispõe e, a fim de atingir essa meta, o Emissor inicia seu enunciado a partir de alguma porção de informação que o Receptor presumivelmente já possua, continuando, a seguir, a acrescentar outras informações que ele pensa serem novas para o Receptor; isso pode conduzir, assim, a uma modificação nas informações do Receptor.

Deve-se entender que as expressões lingüísticas são o fator mediador entre a relação de um Emissor e seu Receptor e que essas expressões contêm, por parte do Emissor, sua intenção, sua informação pragmática e sua antecipação da interpretação do Receptor, e, por parte do Receptor, sua interpretação, sua informação pragmática e sua conjectura sobre qual pode ter sido a intenção comunicativa do Emissor.

Para a Gramática Funcional de Dik (1989, doravante GF), uma língua natural é um instrumento de interação social cuja função principal é estabelecer a comunicação entre seus usuários. A comunicação pode ser vista como um padrão dinâmico interativo de atividades mediante o qual os usuários efetuam certas mudanças na informação pragmática de seus parceiros no processo de comunicação. Dik (1989) entende por *informação pragmática* “todo o conjunto de conhecimentos, crenças, hipóteses, opiniões e sentimentos disponíveis para um indivíduo na situação de interação.” (Dik, 1989, p. 9)³

Dik (1989) classifica a informação pragmática em três grupos principais: 1) geral: informação referente às características naturais e culturais do mundo real e de outros imaginários; 2) situacional: informação derivada da percepção dos participantes da interação ou de outro tipo de experiência na situação de interação; e 3) contextual: informação derivada da troca de expressões lingüísticas antes, durante, ou depois de algum ponto na interação verbal.

O autor ainda comenta que, apesar de o Emissor e o Receptor

³ “... the full body of knowledge, beliefs, assumptions, opinions, and feelings available to an individual at any point in the interaction” (Dik, 1989, p. 9).



compartilharem algum tipo de informação comum, há também informação que é somente disponível ao Emissor ou somente ao Receptor e o ponto principal de interesse na interação verbal se volta tipicamente para essa informação não compartilhada pois o Emissor tenta efetuar, de alguma forma, uma mudança na informação pragmática do Receptor. Conforme diz Dik:

Como um participante tem uma teoria a respeito da informação pragmática do outro, ele pode também avaliar o que é o que não é comum entre sua própria informação pragmática e a informação pragmática de seu interlocutor. Essa avaliação da informação compartilhada e da não-compartilhada tem importância óbvia para o sucesso da interação verbal. (Dik, 1989, p. 11)⁴

Na GF, as expressões lingüísticas são consideradas uma rede complexa que se caracteriza por relações funcionais que operam em níveis diferentes. A gramática funcional reconhece as relações funcionais em três níveis diferentes: (i) as funções semânticas especificam os 'papéis' que exercem os referente dos termos envolvidos dentro de um 'estado de coisas', representado por uma

⁴ "Since participants have a theory about the pragmatic information of the other, they can also estimate what is shared and what is not shared between their own and the other's pragmatic information. This estimate of shared and non-shared information is of obvious importance for the success of verbal interaction" (Dik, 1989, p. 11).

predicação no qual esses termos ocorrem; (ii) as funções sintáticas especificam a 'perspectiva' segundo a qual um estado de coisas é apresentado em uma expressão lingüística; e (iii) as funções pragmáticas especificam o *status* 'informacional' de um constituinte dentro do contexto comunicativo mais amplo de ocorrência, ou seja, em relação à informação pragmática do emissor e do receptor no momento de interação. (cf. Dik, 1989, p. 24)⁵

Dik (1989) considera que um texto de qualquer língua natural pode ser exaustivamente dividido em 'Constituintes Oracionais' (*Intra-Clausal Constituents*) e 'Constituintes Extra-Oracionais' (*Extra-Clausal Constituents*). Estes não fazem parte da oração propriamente dita e, sintaticamente, mantêm uma relação mais frouxa com a oração, já que sua relevância tem motivações mais adequadamente descritas em termos de funcionalidade pragmática.

De um ponto de vista sintático, a relação mais livre dos Constituintes Extra-Oracionais com a estrutura da oração pode ser divisada nas seguintes características: podem preceder, interromper ou seguir a oração; são tipicamente separados da oração por inflexões

⁵ A fim de se compreenderem as definições apresentadas acima, deve-se ter em mente o funcionamento da estrutura abstrata subjacente à oração de acordo com a gramática funcional, que me abstenho de reproduzir aqui.

similares a pausas no padrão entonacional; não são sensíveis a regras gramaticais internas à oração, embora possam manter relações de correferência, de paralelismo com a oração a que se associam (mesma marca de caso) ou matátese ('Tag' negativa com oração não-negativa); não são essenciais à integridade da estrutura interna da oração.

De um ponto de vista pragmático, os Constituintes Extra-Oracionais exercem uma variedade de funções que se referem em geral ao monitoramento da interação, a comentários sobre o conteúdo da oração e à organização do conteúdo da expressão em relação ao contexto de ocorrência.

Já os Constituintes Oracionais se definem em função da estrutura de oração subjacente que, na GF (Dik, 1989), especifica as propriedades formal, semântica e pragmática dos constituintes de modo tipologicamente adequado. As regras de expressão é que são responsáveis por atribuir uma forma, ordem e entonação adequada aos constituintes da oração subjacente. Os constituintes que também exercem função pragmática, mas que são internos à estrutura da oração, referem-se às funções de Tópico e de Foco.

Uma estrutura de oração subjacente é formada por um *predicado* que possui *termos* apropriados associados a sua estrutura



formando, assim, uma *predicação*. A predicação de uma oração subjacente é responsável por um conjunto de *estados de coisas* que são a reprodução de coisas concretas ou não existentes no mundo real ou imaginário de um Emissor e um Receptor. Os meios gramaticais que situam um estado de coisas no tempo são denominados de *operadores de predicado*, já os termos requisitados pela semântica são os *argumentos* e os *satélites*, sendo que esses últimos apresentam informação opcional sobre o estado de coisas.

Organizada a estrutura da oração, é possível atribuir a seus constituintes as *funções pragmáticas*, que especificam o *status* informacional em relação ao contexto comunicativo mais amplo. (Dik, 1989, p. 264) O contexto comunicativo pode ser entendido em termos da avaliação do Emissor quanto a informação pragmática do Receptor no momento da comunicação. Às funções pragmáticas, atribuem-se as dimensões de Topicalidade, ou seja, “sobre o que se fala a oração, dado o ambiente informacional em que essa ocorre” (Dik, 1989, p. 60)⁶ e de Focalidade, ou seja, a propriedade pragmática relacionada aos ...

⁶ “what the clause is about”, given the informational setting in which it occurs” (Dik, 1989, p. 60).



constituintes da oração que são comunicativamente mais importantes ou ‘salientes’, dada a avaliação do falante em relação à informação pragmática do ouvinte. (Dik, 1989, p. 61)⁷

As funções Tópicas são associadas somente aos *termos* da oração pois se apresentam como Tópicos Novos, Dados ou Subtópicos. Já as funções Focais podem ser associadas não somente aos termos mas à qualquer parte da oração subjacente. Relacionam-se aos constituintes que são apresentados com ênfase especial ou em contraste com outro constituinte ou com uma porção de informação já presente na comunicação ou nela subentendida. Tanto a função de Tópico quanto a de Foco têm conseqüências sobre a forma, a ordem e o contorno prosódico dos constituintes da oração a que estão associadas, vinculando-se diretamente, às regras de expressão, na medida em que essas necessitam tanto da expressão formal da oração quanto dos elementos essenciais a sua interpretação semântica e pragmática.

O modelo de Van Valin (1997) da Gramática de Papel e Referência (*Role and Reference Grammar*, doravante, GPR) vê a

⁷ “constituents of the clause are communicatively the most important or ‘salient’, given the speaker’s estimate of the pragmatic information of the addressee” (Dik, 1989, p. 61).



língua como um sistema de ação comunicativa social, o que torna relevante a análise das funções comunicativas das estruturas gramaticais que exercem um papel vital na descrição gramatical das línguas. Sua concepção de Gramática incorpora a convicção de que a estrutura gramatical só pode ser entendida com referência às funções semântica e comunicativa. Quanto às relações sintagmáticas e paradigmáticas abstratas que definem o sistema estrutural, ele se preocupa não somente com as relações de co-ocorrência e combinação em termos formais mas também com a co-ocorrência semântica e pragmática e suas relações combinatórias.

Descrevendo a GPR dessa forma, Van Valin (*op. cit.*) se aproxima da GF de Dik (*op. cit.*) que considera a língua como um instrumento comunicativo de interação verbal. Assim, as várias propriedades das línguas naturais devem ser entendidas e explicadas em termos das condições impostas por seu uso; logo, o estudo do uso da língua (pragmático) precede o estudo das propriedades semântica e formal das expressões linguísticas.

Para Van Valin (1997) toda oração é enunciada ou escrita, dentro de um determinado contexto comunicativo. Para o Receptor interpretar corretamente a intenção comunicativa do Emissor, ele deve

interpretar a oração no mesmo contexto, que vai além do contexto lingüístico imediato, de modo a ser capaz de incluir pressuposições de diferentes tipos. Como a identificação do contexto adequado pelo Receptor não é sempre possível, pode ocorrer uma má interpretação. Para diminuir a chance de interpretações equivocadas, o Emissor, ao criar uma oração, modula a forma da sentença para permitir que o Receptor crie um contexto de interpretação adequado com mínimo esforço de processamento. Um aspecto crucial desta modulação é a distribuição de informação, que Van Valin (*op. cit.*) chama de ‘estrutura de informação’ da oração. Para a definição de informação, pode-se citar Lambrecht (1994, *apud* Van Valin, 1997) que argumenta haver uma distinção entre (i) estados pragmáticos dos referentes de constituintes de sentenças individuais nas mentes dos participantes do discurso e (ii) relações pragmáticas estabelecidas entre esses referentes e a proposição na qual eles exercem o papel de predicados ou argumentos; dessa forma é o estabelecimento dessas relações pragmáticas que tornam a informação possível. Quando um referente é introduzido pela primeira vez no discurso, ele é considerado um referente ‘novo’, e em muitas línguas será codificado como um sintagma nominal indefinido; um novo referente também

pode ser introduzido ‘ancorado’ em algum referente mais identificável e nestes casos as línguas permitem que eles sejam identificados como tópico.

Na maioria das situações comunicativas, quando o Emissor faz uma colocação, ele faz o que Van Valin (1997) denomina de ‘asserção pragmática’ ou simplesmente uma ‘asserção’. Ele entende uma asserção como uma parte da informação, ou seja, como uma proposição que o Emissor espera que o Receptor venha a conhecer e vê essa asserção como pragmática porque é uma enunciação estruturada pragmaticamente, envolvendo uma informação ‘velha’, ou tópica e uma informação nova, ou os comentários sobre o Tópico.

Todas línguas possuem um sistema gramatical para marcar o tipo de informação dentro da enunciação; isso pode envolver entonação, marcação morfológica, ordem de palavras ou alguma combinação entre os tipos. Essa associação de uma estrutura de informação particular com uma estrutura entonacional ou morfossintática é denominada por Lambrecht (1994, *apud* Van Valin 1997) de ‘estrutura de foco’ da sentença. (Van Valin, 1997, p. 201)⁸

⁸ “All languages have some grammatical system for marking which type of information is which within the utterance; it may involve intonation, morphological marking, word order or some combination thereof. This association of a particular information structure with a particular morphosyntactic or intonational structure Lambrecht calls the ‘focus structure’ of the sentence” (Van Valin, 1997, p. 201).

Para Van Valin (1997) é a relação com uma informação ‘velha’ que torna nova uma informação na comunicação, pois é a informação velha que traz todas as pressuposições evocadas para formar o contexto necessário para a compreensão do enunciado. O autor se refere a esse conjunto de pressuposições como ‘pressuposição pragmática’ ou somente ‘pressuposição’. Para ele, o foco é a parte da asserção que não está dentro da pressuposição pragmática e que é imprevisível ou irrecuperável dentro do contexto. Como mencionado, o que é informativo sobre uma asserção não é o foco propriamente dito, mas sua relação com o conhecimento que constitui a pressuposição pragmática.

É necessário distinguir o foco da asserção do constituinte sintático no qual ele aparece na sentença (como por exemplo no sintagma nominal, no núcleo ou na oração), (cf. Van Valin, 1997, p. 205). O que Dik (1989) entende por escopo do Foco, Van Valin (1997) entende como domínio do foco.



1.2. Caracterização do foco na perspectiva funcional

Acima, procurou-se mostrar que tanto os Constituintes Extra-Oracionais quanto os Oracionais são dotados de funções pragmáticas e que essas especificam o papel desses constituintes em relação ao contexto comunicativo em se encontram. No caso deste trabalho, as atenções se voltam, como mencionado, para os Constituintes Oracionais e suas relações pragmáticas, no caso, a Focalidade.

Para Dik (1989) a informação pragmática é definida, vale repetir, como um conjunto completo de conhecimentos, crenças, sentimentos no momento da fala e é dividida em informação *geral*, *situacional* e *contextual*⁹. Argumenta-se que o Emissor organiza suas expressões lingüísticas de acordo com a informação pragmática do Receptor e de sua avaliação da informação pragmática no momento da fala. O objetivo do Emissor será, em geral, levar o Receptor a efetuar alguma mudança em sua informação pragmática, e para obter isso, o Emissor parte de alguma porção de informação que o Receptor presumivelmente já possua, e então continua a construir a informação, que ele presume ser nova para o Receptor, o que pode, então, levar a

⁹ ver página 30



uma modificação de informação pragmática do Receptor. Uma expressão lingüística conterà, então, geralmente alguma informação *dada* e alguma informação *nova*.

Tanto o “novo” quanto o “dado” devem ser interpretados como sendo mediados pela avaliação do Emissor sobre a informação pragmática do Receptor; a informação dada é então presumivelmente a que está contida na informação pragmática do Receptor, enquanto a nova, é a que não está. Pode ser que a avaliação do Emissor não esteja completamente correta, e, como tal, não corresponda totalmente à estrutura real da informação pragmática do Receptor, podendo, portanto, causar certas dificuldades no processo de comunicação. Mesmo assim, é a informação pragmática do Emissor e não a do Receptor que determina o modo como aquele organiza pragmaticamente suas expressões.

“Parcialmente correspondente à distinção “dado/novo”, são as dimensões *topicalidade* e *focalidade*.[...]” (Dik, 1989, p. 266)

[...]Pode-se assumir que as dimensões de Topicalidade e Focalidade são relevantes para a organização das expressões lingüísticas em todas as línguas. Nem todas as línguas, no entanto, têm o mesmo conjunto de funções distintivas de Tópico e Foco. Como em outros domínios da organização

gramatical, parece que as línguas escolhem suas distinções gramaticalmente relevantes nesse domínio a partir de um conjunto universal restrito de distinções possíveis. (Dik, 1989, p. 266)¹⁰

O termo Tópico é usado por Dik (1999) para definir as entidades que são apresentadas, comentadas ou retomadas em um dado discurso que transmita algum tipo de informação na forma de um texto coerente. Um discurso pode ter diferentes Tópicos, sendo alguns mais centrais que outros e os Tópicos podem ser organizados hierarquicamente.

Entendendo-se que a função Tópico se limita a apresentar e a discorrer sobre as entidades presentes na comunicação, deve-se lembrar que essa função pragmática está intimamente associada à função Foco pois ambas estão presentes nos Constituintes Oracionais.

Quanto à informação Focal, essa diz respeito às mudanças que o Emissor deseja promover na informação pragmática do Receptor, que podem ser feitas de diferentes formas, ou seja, o Emissor pode *adicionar* alguma informação à informação pragmática do Receptor,

¹⁰ "It may be assumed that the dimensions of topicality and focality are relevant to the organization of linguistic expressions in all languages. But not all languages have the same set of distinctive Topic and Focus functions. Just as in many other domains of grammatical articulation, however, it seems that languages choose their grammatically relevant distinctions in this area from a restricted universal set of possible distinctions" (Dik, 1989, p.266).



ou pode *substituir* alguma informação do Receptor que ele presume estar equivocada por outra informação que ele próprio detenha. Tanto adicionando quanto substituindo alguma informação, haverá alguma diferença entre a informação pragmática real do Emissor e sua imagem; logo o Foco de uma expressão lingüística será relativo à diferença entre a informação pragmática do Emissor e a do Receptor, devendo ser apresentada como “nova” para o Receptor. “Contudo, a informação focalizada não é sempre completamente nova para o Receptor; ela pode incluir informação já disponível, mas focalizada em virtude de algum contraste implícito ou explícito” (Dik, 1989, p. 278).¹¹

Para Dik (1989) os constituintes que contêm a informação focal podem se comportar de maneira especial, marcada ou não, sendo apresentados com a informação pragmática de Foco. Essa função pode manifestar-se por meio de um ou mais meios de focalização, ou seja, através de: (i) proeminência prosódica: acento enfático; (ii) ordem especial dos constituintes: posição especial para os constituintes do

¹¹ “However, the information focused on is not always completely new to A. It may include information already (assumed to be) available to A, but focused on by virtue of some implicit or explicit contrast” (Dik, 1989, p. 278).



Foco na ordem linear da oração; (iii) marcadores especiais de Foco: partículas que destacam o constituinte Focal em relação ao restante da oração; (iv) construção especial de Foco: construções que definem intrinsecamente um constituinte específico com a função de Foco. (cf. Dik, 1989, p. 278)

O autor argumenta que, embora a proeminência prosódica seja um dos meios de expressão de Foco, a Focalidade não se limita ao acento, havendo certo 'equilíbrio' entre os vários mecanismos apresentados acima: quando a função Foco é apresentada pelos mecanismos sintáticos apresentados de (ii) a (iv), ela não é necessariamente marcada por proeminência prosódica. Associados aos mecanismos lingüísticos de marcação de Foco, Dik (*op. cit.*) também considera o escopo sobre qual incide o Foco e sua Finalidade Comunicativa (*Communicative Point*).

Quanto ao escopo, o Foco pode incidir praticamente sobre qualquer parte da estrutura da oração, o que significa incidir sobre o predicado (*Não suspendemos, advertimos os alunos.*), sobre o operador de predicado ou a predicação (*Não estávamos, estamos recebendo dois alunos novos.*), sobre o operador de termo (*Recebemos dois alunos novos esta semana.*), sobre o restritor (*Recebemos dois*

alunos novos esta semana) ou mesmo sobre os termos, como sujeito (*A escola recebeu dois alunos novos esta semana.*) ou satélites (*escola recebeu dois alunos novos esta semana.*) Possivelmente, as línguas apresentam diferenças quanto ao grau de incidência do Foco sobre os diversos constituintes da predicação.

Já a Finalidade Comunicativa está relacionada, para Dik (*op. cit.*), às razões pragmáticas que subjazem ao domínio do Foco em relação à parte relevante da estrutura subjacente da oração e essa função determina dois grandes tipos, o Completivo, que apresenta uma informação totalmente nova ao Receptor, e o Contrastivo, que apresenta algum tipo de contraste entre dois tipos de informação pragmática. O tipo Contrastivo subclassifica-se em Paralelo e Contra-pressuposicional e esse, por sua vez, em Substitutivo, Expansivo, Seletivo e Restritivo.

Nota-se que, do ponto de vista da Finalidade Comunicativa, o Foco pode apresentar uma informação nova ou requerer tal informação (caso do Foco Completivo). Ao solicitar essa informação durante a comunicação, os participantes fazem uso das interrogativas com palavras-QU que não são somente aplicadas às perguntas QU,

mas também às perguntas *sim/não*, nas quais o Foco incide sobre o valor de verdade da proposição. Esse tipo de Foco pede ou apresenta informação pertencente à lacuna informacional por parte do Emissor sem envolver qualquer contraste com algum tipo de informação similar. (Dik, 1989, p. 282)¹²

Os outros subtipos de Foco envolvem algum tipo de contraste entre o constituinte do Foco e partes da informação que podem ser apresentadas explicitamente ou pressupostas. O subtipo Paralelo é representado em construções paralelas e o Contra-pressuposicional é representado em construções nas quais a informação apresentada é oposta a outra, similar à informação que o Emissor pressupõe ser mantida pelo Receptor. Os subtipos mencionados podem ser definidos da seguinte maneira:

1) *Foco Substitutivo*: nesse tipo de Foco, o emissor substitui uma parte da informação que ele supõe estar incorreta por uma correta: *As meninas não foram ao cinema, elas foram ao teatro.*

¹² “but also to Yes/No questions, in which case the Focus is on the truth value of the propositions. This type of Focus requests or presents information pertaining to an information gap on the part of S; there’s no contrast involved with any other kind of similar information. (Dik, 1989, p. 282)

2) *Foco Expansivo*: aqui, o Emissor sabe que há uma parte da informação que é importante para o Receptor mas que este não a possui, assim o Emissor a complementa, pressupondo que a informação anterior do Receptor seja correta: *Eles não só venderam o carro, mas também a moto.*

3) *Foco Restritivo*: nesse tipo, o Emissor acredita que o Receptor possua uma parte da informação que esteja correta, contudo ele pressupõe (incorretamente) que também haja uma outra porção de informação por parte do Receptor: *Maria não visitou sua amiga, ela visitou somente seus pais.*

4) *Foco Seletivo*: esse tipo de Foco é normalmente realizado a partir de uma interrogativa pois o Emissor pressupõe que o Receptor acredita que uma parte da informação esteja correta, mas não sabe qual: *Você vai alugar ou comprar uma casa?*

Dik (1989) menciona que o Foco pode ser expresso através de acento, mas que não se limita a esse mecanismo: a proeminência prosódica é um dos meios pelos quais o Foco pode ser expresso mas que há, contudo, um certo equilíbrio entre os vários mecanismos sintáticos de Focalização – marcadores, ordenação, construções especiais e a própria proeminência prosódica – ou seja, quando o

Foco é apresentado por marcadores, construções especiais ou ordenação especial, ele não é, necessariamente, marcado por proeminência prosódica.

Pode-se dizer que a proeminência prosódica é não-marcada quando estiver incidindo sobre um constituinte à direita da oração, ou seja, sabe-se que a posição esperada, não-marcada de Foco, para Dik (*op. cit.*) está a direita da oração em uma posição após o núcleo verbal, assim, quando houver caso de proeminência prosódica no sujeito, esse será, então, marcado.

Van Valin (1999) concorda, em parte, com Dik (*op. cit.*) ao mencionar que as línguas usam a entonação para marcar, de alguma forma, as construções dos diferentes tipos de foco e que, além desse mecanismo, o foco ainda é diferenciado por meios sintáticos ou morfológicos, de modo que, para ele, a prosódia está sempre associada, de um forma ou de outra, à marcação de foco.

Dik (1989) cita o uso de marcadores especiais como um dos mecanismos lingüísticos de focalização mas não relaciona quais seriam eles. Desta forma, verificou-se, para o inglês, na gramática de Swan (1995), os *focusing adverbs* (advérbios focalizadores): *even, also, just, only, mainly*, que são apresentados na posição posterior ao

verbo auxiliar e verbo *to be*, após verbos principais e diretamente antes de palavras modificadas.

Em relação ao português, verifica-se que Mira Mateus *et al.* (1994) mencionam em sua gramática a utilização de marcadores especiais de foco como *até, o próprio, mesmo* que têm por escopo o foco de informação. Também Ilari *et. al.* (1990) fazem referência a advérbios focalizadores como *exatamente, principalmente* ou *justamente*.

Quanto às construções especiais, denominadas *construções de foco*, Dik (1997) diz que essas têm a função de dar proeminência sintática ao constituinte focalizado; dentro dessa classe, dá-se destaque às construções Clivadas (*Foi o livro que a Ana trouxe.*) e Pseudo-clivadas (*O que a Ana trouxe foi o livro.*). Essas construções aparecem de formas diferentes e podem ser usadas com diferentes funções pragmáticas e textuais.

Dik (1997) especifica a estrutura formal das construções Clivadas afirmando que o argumento de uma construção Clivada representa o Tópico dado do discurso, com as propriedades de uma construção relativa sem núcleo, e que o termo do predicado representa

o Foco. Esses constituintes obedecem às regras de Topicalização e Focalização da língua em questão.

Dik (1997) sugere que as orações Clivadas são derivadas de estruturas subjacentes de construções Não-Clivadas, mas como se sabe, a Gramática Funcional não considera relações derivacionais diretas entre estruturas e, dessa forma, devem-se entender as orações Clivadas como tendo uma estrutura subjacente própria. Para ele, a construção Clivada, apesar de apresentar estrutura subjacente própria, é considerada uma variante secundária da Pseudo-clivada pois esta representa uma construção mais prototípica do que a Clivada, ou seja, ela representa mais fielmente a estrutura subjacente de que Dik (1997) fala.

Quanto ao aspecto tipológico, Dik (*op. cit.*) diz que muitas línguas possuem tipos de construções que correspondem direta ou indiretamente às construções Pseudo-clivadas, mas que somente algumas línguas possuem construções Clivadas correspondentes.

Especificamente em relação ao inglês, Quirk *et. al.* (1989) destacam que as construções Pseudo-clivadas ocorrem com orações que contenham uma palavra-QU como sujeito, com preferência pelo

pronome *what* (*What you did was a big mistake.*) apesar de os pronomes *who*, *where* e *when* serem aceitáveis.

Já em relação ao português, especificamente, Braga (1999) faz uma subclassificação detalhada das diversas alternativas de construções Clivadas disponíveis aos usuários do português brasileiro.

Para a autora o português dispõe de seis subtipos de clivagem:

- (i) sentenças Clivadas propriamente dita: *É esse tipo de trabalho que eu desempenho.*
- (ii) construções “é que”: *O meu primo é que está sempre com problemas na escola..*
- (iii) construções “que”: *O diretor que distribui as aulas dos professores.*
- (iv) sentenças Pseudo-clivadas: *Quem contrata os novos profissionais é a secretária.*
- (v) foco “ser”: *Ele tem é muitos problemas.*
- (vi) duplo foco: *É esse vizinho é que o problema.*

Dik (1997) cita um outro tipo de construção especial como recurso lingüístico para o exercício da função de Foco que é o das interrogativas, ou perguntas com palavras-QU (*question-words*) do inglês, e suas respostas.

Quando formula uma pergunta, o Emissor demonstra ter uma lacuna informacional pedindo ao Receptor que a preencha. O elemento Focal em questão é a própria palavra-QU, que representa a lacuna de informação presente na comunicação. Dik (1997) ainda assinala que em muitas línguas, uma pergunta com palavra-QU pode ser formulada no mesmo padrão de uma construção Clivada: (Quem *comeu o doce?* ou Quem *foi que* comeu o doce?).

Dik (*op. cit.*) faz associação entre desses dois recursos lingüísticos porque ambos têm a função de Focalizar constituintes, assim a construção Clivada se torna apropriada, à medida que permite formular perguntas com palavra-QU, tendo como constituinte claramente marcado a própria palavra-QU na posição de Foco.

Vale mencionar um tipo de interrogativas mencionado por Mira Mateus *et. al.* (1994) por ser um tipo de construção marcada: trata-se das interrogativas em Eco (*Você foi onde?*) que, no entender das autoras, são formuladas assim para revelar estranheza por uma informação dada anteriormente no discurso ou para mostrar que não se apreendeu totalmente a informação.

Finalmente, é necessário mencionar a ordenação especial de constituintes, que Dik (1989) entende ser um mecanismo lingüístico de Foco.

O autor assinala que a estrutura abstrata da oração subjacentes às expressões lingüísticas, considerada não-ordenada, não é diretamente relevante para a linearidade final das expressões lingüísticas. As estruturas subjacentes da oração devem ser vistas como estruturas nas quais o *status* relacional dos constituintes é codificado em categorias funcionais, com as várias diferenças de escopo especificadas pelo uso de parênteses. O mesmo é aplicável à estrutura interna dos termos. Embora a estrutura de termos possua uma certa ordenação, essa não expressa relações semânticas necessariamente correlacionadas com a ordem linear de superfície.

Para chegar a expressões lingüísticas verdadeiras, são necessárias, então, regras que determinem as posições dos constituintes da estrutura subjacente em seqüências lineares nos quais eles podem aparecer e que Dik (*op. cit.*) denomina *regras de colocação*.

As regras de colocação de Dik (*op. cit.*) são consideradas parte de um componente de expressão de uma gramática funcional: a ordem



dos constituintes serve como o meio pelo qual se podem expressar formalmente as relações e funções da estrutura subjacente da oração. Considerando essas regras de posicionamento como um meio de expressão, é possível demonstrar a sua funcionalidade, de modo tal que ordenações alternativas podem expressar diferenças de estrutura subjacente. As regras de colocação não movem um constituinte de uma posição específica para outra; ao contrário, apenas determinam o lugar de um constituinte que ainda não tenha uma posição determinada e, nesse sentido, adicionam o traço de ordenação às estruturas subjacentes não-ordenadas¹³.

Ele considera, também, que a ordenação dos constituintes não é uma propriedade ‘profunda’ das línguas naturais, mas um meio de expressão mais superficial que pode ser usado para codificar relações subjacentes nas seqüências de superfície. Isso leva a ver que, por não ser uma propriedade profunda, não há razão para existir somente uma única ordem ‘básica’ para uma determinada língua, ou seja, a abordagem da GF de Dik (*op. cit.*) quanto à ordenação de constituintes

¹³ A rejeição das regras de movimento pela GF tem uma importante consequência na ordenação dos constituintes, pois uma vez que uma posição tenha sido determinada a um constituinte, esse não pode ser movido para outra posição na seqüência. Desse modo, as denominações como ‘reordenação’, ‘inversão’ terão que ser entendidas apenas como ordenações alternativas que são sensíveis às diferenças da estrutura da oração subjacente.



é totalmente compatível com a idéia de uma coexistência de diferentes padrões a serem usados em diferentes condições e para diferentes propósitos.

Quando se move o constituinte Focal não em posição previsível, mas em outra posição não-esperada, é que se pode falar em Foco marcado. A condição para Foco marcado surge quando se exige uma ênfase especial, freqüentemente, necessária para propósitos de contraste ou correção, definição essa relacionada às funções comunicativas Contra-suposicionais de Dik (1989). O contraste que consiste em substituir um item provável por outro, não é a única ocasião para ênfase especial de Foco marcado. De forma mais geral, trata-se de ajustar o Foco de acordo com o que é pressuposto em uma enunciação dada. O simples fornecimento de informação exigida pode ser Foco marcado se o item fornecido não ocorrer na posição final não-marcada, que caracteriza o Foco Completivo.

Fronteamento (*fronting*) é o termo que Quirk *et. al.* (1989) usam, em sua gramática, para definir um tipo de função pragmática marcada, o que significa em termos gerativos, mover para a posição inicial um item que, em outra situação, não é comum nessa posição.

Mencionam, para tanto, inversão do sujeito-verbo e também do sujeito-operador, o que se aplica apenas às gramáticas do inglês.

Mira Mateus *et al.* (1994) tratam da ordem especial de constituintes, também de uma perspectiva gerativista, mencionado casos como movimento do constituinte focalizado para a posição final da frase (*Saíram todas as crianças.*), movimento do objeto direto para uma posição de adjunção ao sintagma verbal (*O Mário deu para Silvia um carro novo.*) e em flutuação do quantificador do constituinte do sintagma nominal sujeito (*As crianças saíram todas.*).



1.3. Uma tipologia funcional do Foco

Van Valin (1997) entende que a descrição de um fenômeno lingüístico, um dos objetivos principais da lingüística, pode incluir um tratamento de como as línguas se diferenciam umas das outras, ou seja, a que tipo pertencem. Para tanto, ele cita a necessidade de adequação pragmática (Dik, 1989), assumindo que a descrição das línguas deve ser baseada em uma teoria pragmática mais ampla de comunicação verbal e uma adequação tipológica (Dik, *op. cit.*) pois uma teoria deve formular regras e princípios que possam ser aplicados a qualquer tipo de língua sem tentar ‘forçar’ a adaptação da estrutura da língua descrita à teoria já desenvolvida.

De uma perspectiva tipológica, pode-se dizer que algumas línguas dispõem de sistemas muito elaborados de Foco em que a diferentes tipos correspondem diferentes estratégias formais. Segundo Dik (*op. cit.*), esses sistemas elaborados requerem uma subdivisão da função Focal e os principais parâmetros de subcategorização consistem no escopo da função Focal, isto é, o que Van Valin (*op. cit.*) entende por relação entre o domínio potencial e domínio real da incidência de Foco, Dik (1989) vê como a Finalidade Comunicativa

da focalização, que, na GF, diz respeito às motivações pragmáticas que determinam a atribuição Focal à parte relevante da estrutura subjacente da oração (*cf.* Dik, 1989, p. 281).

Ainda segundo Dik (*op. cit.*), o destaque sobre as várias circunstâncias em que a função Focal pode ser atribuída a diferentes partes da estrutura subjacente da oração se refere a uma pesquisa com base na dimensão “ética” da Focalidade. Uma questão talvez mais relevante é, segundo De Vries (1985 *apud* Dik, 1989, p. 285) determinar a dimensão “êmica” da Focalidade, o que significaria especificar que distinções devem integrar-se numa gramática para explicar as diferentes estratégias da Focalização de que dispõem uma língua.

Embora mencione algumas línguas que identificam casos especiais de atribuição de Foco, inclusive com regras extremamente refinadas (*cf.* Dik, 1989, p. 286-7), Dik não desenvolve um sistema tipológico com base nas diferentes possibilidades de atribuição Focal, o que aparece bem elaborado na GPR de Van Valin (*op. cit.*). Esse autor se utiliza de uma classificação proposta por Lambrecht para determinar uma tipologia lingüística com base nas diferentes estratégias gramaticais para atribuição de Foco, cujos critérios se

assentam na distinção entre Foco estreito (*narrow focus*) e Foco largo (*wide focus*):

O **Foco estreito** se dá quando um único constituinte, tal como um sintagma nominal, é focalizado; já o **Foco largo** se dá quando o Foco inclui mais de um constituinte. Ele pode incluir todos os constituintes da oração com exceção do Tópico, como nas construções típicas do tipo ‘Tópico-Comentário’, que Lambrecht chama de **Foco de predicado**, ou pode incluir a sentença toda, o que o autor denomina **Foco sentencial**. (Van Valin, 1997, p. 206)¹⁴

Van Valin (1997) entende que a estrutura de Foco sentencial compreende toda a oração e que não há, assim, tópico na mesma e que esse tipo de Foco é mais freqüentemente usado em situações apresentacionais.

Já o Foco estreito “tem o domínio de foco limitado a um único constituinte, e qualquer elemento, seja um sujeito, objeto, um sintagma nominal oblíquo ou um núcleo de SN, pode ser um constituinte focalizado.” (Van Valin, 1997, p. 208)¹⁵

¹⁴ “**Narrow focus** is when a single constituent, such as an NP, is focused. **Broad focus** is when the focus includes more than one constituent. It may include all but the topic, as in the common ‘topic-comment’ construction, which Lambrecht calls **predicate focus**, or it may include the entire sentence, which Lambrecht calls **sentence focus**” (Van Valin, 1997, p. 206).

¹⁵ “In a narrow-focus structure, the focus domain is limited to a single constituent, and any constituent, be it subject, object, oblique NP or nucleous, can be focused constituent” (Van Valin, 1997, p. 208).

Uma distinção muito útil e, como se verá, crucial para um estudo contrastivo como este, é a que Van Valin (1999) estabelece entre o domínio potencial de Foco (*potencial focus domain*) e o domínio real (*actual focus domain*). Este se refere à parte da sentença que está de fato focalizada enquanto o domínio potencial se refere à parte da sentença em que potencialmente se encontra um elemento Focal. Em inglês, por exemplo, a sentença toda está no domínio potencial de Foco, mas não são todas as línguas que dispõem da sentença toda como o domínio potencial de Foco, o que traz, segundo Van Valin (1999), conseqüências importantes para a interação entre sintaxe e estrutura focal.

O que Van Valin faz nessa relação de interface entre o componente pragmático e o sintático é comparar tipologicamente as línguas em termos de rigidez vs. flexibilidade de ordem de palavras, por um lado, e rigidez vs. flexibilidade de estrutura focal. De acordo com a primeira distinção, relativa à ordenação de constituintes, línguas como o inglês e o tobaatak (uma língua da Austronésia ocidental falada na Indonésia) representam o tipo 'rígido' de ordem de palavras, enquanto línguas como o russo, o polonês, o latim, etc. representam o tipo 'flexível'. O contraste entre os tipos rígido e

flexível de estrutura focal se refere a restrições impostas sobre o domínio potencial de Foco. Assim, línguas cujo domínio potencial é toda a sentença dispõem de uma estrutura de Foco flexível, enquanto línguas cujo domínio potencial é restrito a uma subparte da sentença dispõem de estrutura rígida de Foco.

O que caracteriza o inglês como um língua de sintaxe rígida e estrutura de Foco flexível é o fato de dispor de um padrão SVO de ordem de palavras relativamente rígido; todavia, a função focal pode incidir sobre todo o SV, toda a oração, somente sobre o SN sujeito ou somente sobre o SN objeto.¹⁶

Além disso, há, em inglês, uma posição inicial de oração para palavras-QU, que são sempre focais, e para outros constituintes focais deslocados, como em *What did you buy?* e *That book I wouldn't buy*. Contrastivamente, há uma outra posição em adjunção, fora do predicação e, portanto, fora do domínio potencial de Foco, usada para inserir elementos tópicos, como em *As for Mary, I spoke to her yesterday*.

¹⁶ Pode incidir também sobre operadores de predicado e de termos, conforme mencionado acima (cf. Dik, 1989).



Essa posição à esquerda, separada da oração subsequente por uma quebra entonacional, caracteriza um dos Constituintes Extra-Oracionais de Dik (v. *supra*). Se um elemento nela inserido funciona como um argumento na oração seguinte, há um pronome retomador (*resumptive pronoun*) nela para referir anaforicamente ao SN separado. Já entre o SN e a palavra-QU no início da oração que exercem a função focal e o restante da oração não só não há ruptura entonacional, como também não há pronome retomador. Uma evidência adicional da diferença é que ambos podem ocorrer na mesma sentença, como em *As for Mary, who did she go out with yesterday?*¹⁷

Isso significa, por conseguinte, que, se o inglês licencia prontamente a incidência de Foco sobre qualquer constituinte interno da oração, desde a posição especial inicial até adjuntos no final da oração, essa língua se caracteriza por ter estrutura flexível de Foco: o domínio potencial inclui toda a oração principal, sem qualquer restrição sobre que parte incide o Foco. Além disso, não há necessidade, em inglês, de mudar a ordem de palavras da sentença

¹⁷ Vê claramente que Van Valin trata aqui das diferenças entre as posições P2, usadas para constituintes na função de Tema, adjunta à predicação, e da posição P1, no interior da predicação, usadas para inserção de constituintes com a função pragmática de Tópico e de Foco, propostas por Dik (1989).

apenas para acomodá-la às diferentes possibilidades de expressão focal; é como se a estrutura focal se adaptasse à rigidez sintática com o Foco podendo receber primariamente expressão prosódica. Isso não significa afirmar que o inglês não permite variação de ordem de palavras para propósitos pragmáticos; significa, ao contrário, que esse não é um aspecto obrigatório da sintaxe do inglês. Em línguas como o italiano mudanças de ordem são obrigatórias para acomodar restrições de estrutura de Foco.

Apenas para exemplificar com outra língua, Van Valin menciona o *toua*, que tem ordem SOV relativamente rígida. Diferente do inglês, essa língua dispõe de um rico sistema de partículas marcadores de Foco e, por isso, não depende de procedimentos prosódicos para sinalizar a estrutura de Foco como o inglês. O *toua* apresenta um sistema elaborado de marcação focal, como o inglês com o mecanismo prosódico e, embora disponha também do mesmo contraste entre posição inicial para a expressão de função focal em contraste com adjunção para a expressão de função tópica, o mecanismo morfológico torna dispensável colocar um elemento em posição inicial a fim de que ele receba proeminência pragmática de Foco.

Como se sabe, o português manifesta uma ordem SVO relativamente rígida¹⁸ e, tanto quanto se pode conjecturar, dispõe de um sistema flexível de expressão focal, seja com a colocação de SN focalizado na posição inicial da predicação, seja mediante o uso de acento contrastivo no elemento sobre o qual deve incidir a saliência focal. Igualmente o inglês e o toura, mantém uma posição inicial, fora da estrutura da predicação, para a expressão de constituintes tópicos, que Dik (1989) chama mais apropriadamente de Tema.

Antes de sustentar uma hipótese tipológica, é necessário discutir como Van Valin define um tipo oposto de língua, que, como o inglês, o português e o toura, disporia de sintaxe flexível associada a uma rígida estrutura de Foco, como ocorre com línguas da família bantu, como sesotho e setswana. Nessas línguas há uma restrição absoluta ao aparecimento de elementos focais em posição pré-verbal. Como línguas SVO, o sujeito deve ser altamente tópico e conter informação dada. Todo SN em posição pré-verbal deve ser interpretado como tópico, não focal, enquanto SNs pós-verbais podem receber ambas as interpretações dependendo do contexto. Com verbos intransitivos, ocorre um sujeito focal após o verbo e a posição da concordância

¹⁸ Sobre isso cf. Pezatti & Camacho (1997).



de sujeito no verbo é preenchida por um marcador locativo de concordância.

O principal impacto dessa restrição está na expressão de interrogativas-QU: palavras-QU são sempre focais e, por isso, como não podem ocorrer em posição pré-verbal, devem aparecer ou no final da sentença (na forma não-marcada) ou em posição pós-verbal em construção clivada. A consequência dessa condição é que não é possível ter uma interrogativa em que o pronome (Foco) seja o sujeito. Para acomodar essa situação, usa-se uma construção passiva ou uma forma clivada para ser possível colocar o pronome interrogativo na posição pós-verbal de Foco, a única que a língua permite.

O domínio potencial de Foco em setswana e sesotho não abrange a oração toda, como em inglês e toura, restringindo-se ao verbo e os elementos seguintes. Há quatro opções para dar conta da proibição de elementos focais pré-verbais: passiva, inversão de sujeito e dois tipos de construções Clivadas. É por isso que línguas desse tipo são classificadas como tendo estrutura rígida de Foco e sintaxe flexível: a sintaxe se adapta à estrutura focal, não o inverso. Uma língua mais próxima desse subtipo é o italiano. Entretanto, diferente das línguas bantu, a restrição do italiano é apenas com SNs focais em

posição pré-verbal e por isso, tanto em Foco sentencial quanto em Foco argumental, o sujeito focal deve estar em posição pós-verbal, o que é expresso mediante inversão ou clivagem. A proibição contra elementos focais pré-verbais não é absoluta como o é em línguas bantu, já que o italiano licencia palavras-QU em posição especial de início de oração.

Um bom exemplo de uma língua em que tanto a sintaxe quanto a estrutura de Foco são rígidas é o francês. Lambrecht (1986, 1994 *apud* Van Valin 1999) argumenta que o francês tem a mesma restrição contra sujeitos focais pré-verbais que o italiano, mas, diferentemente desta, o francês não dispõe de uma construção de inversão do sujeito. O modo como a sintaxe do francês resolve os requisitos dessa regra é usar uma construção em que um sujeito focal diferente aparece pós-verbalmente, podendo, assim, satisfazer essa restrição. Em Focos sentenciais, o francês dispõe, primeiro, de uma construção com *j' ai* 'eu tenho' no início que nada adiciona semanticamente à sentença *j' ai ma voiture que est en panne*, enquanto o SN 'voiture' é marcado com o possessivo de primeira pessoa. Em segundo lugar, parte da informação asseverada, focal, aparece numa oração relativa, que é um tanto inusitada, dada que orações relativas são normalmente



pressupostas não afirmadas. Não obstante, essa construção resolve a restrição sobre material focal pré-verbal, com *ma voiture* aparecendo após o verbo da oração matriz. Já no caso do Foco incidir sobre o argumento, usa-se uma sentença Clivada. Embora o francês permita, como o italiano, que palavras-QU apareçam em posição pré-verbal, há uma forma Clivada alternativa, como *C'est qui qui a préparé la nourriture?*, que permite conservar a restrição de Foco na posição pré-verbal e que, segundo afirma Lambrecht (*op. cit.*) é de fato preferida no francês falado, de modo que o francês parece estar dirigindo-se para um tipo absoluto de proibição contra elementos pré-verbais na expressão focal.

O quarto tipo de língua é o que mantém flexíveis tanto a estrutura sintática quanto a focal. Um bom exemplo é o russo, freqüentemente caracterizada como 'língua de ordem livre de palavras'. Segundo Van Valin (*op. cit.*), em termos de estrutura focal, o russo é muito menos livre, mas, além de não excluir sujeitos focais pré-verbais, como o italiano, o francês e o sesotho, o russo mantém o mesmo padrão de entonação que o inglês, sendo, portanto, flexível sua estrutura focal.



Ao discutir a interação entre a estrutura sintática e a focal, Van Valin assinala que um traço sintático interessante das línguas com a estrutura de Foco mais rígida é que elas são verbo-mediais (padrão SVO). O verbo atua como um marcador de fronteira, delimitando o domínio potencial de Foco em orações; nem línguas verbo-finais, nem línguas verbo-iniciais dispõem de um determinador tão claro do domínio potencial; conseqüentemente, estas são muito menos rígidas.

Na concepção de Van Valin (*op. cit.*), tanto o português quanto o inglês são línguas de estrutura de Foco flexível em virtude de o constituinte focal incidir, sem restrições, sobre qualquer constituinte da oração e de rigidez sintática em virtude de apresentarem uma ordem fixa de palavras - a ordem SVO - que não precisa ser necessariamente modificada para a expressão de foco. Isso não significa, entretanto, que essas não possam estar situadas em pontos diferentes de um *continuum* no âmbito da classe tipológica em que se acham inseridas conforme o parâmetro da atribuição de Foco.

Estudando essa classificação de sintaxe e estrutura de Foco rígida versus flexível, pode-se sugerir, baseado em Pezzatti & Camacho (1997), que o português poderia se encaixar no mesmo grupo do inglês, ou seja, de sintaxe rígida e Foco flexível pois os

autores apresentam o português em uma fase de transição, cuja direção condiz para uma ordenação P2, P1 SVO – antes tipologicamente pós-posicional do tipo P1 VSO, em que, no nível da predicação, o núcleo é o verbo, assim tem-se o mesmo comportamento nessas duas línguas quanto ao Foco. Apesar disso, o comportamento dos constituintes focalizados não difere radicalmente dos de uma língua como o inglês: tanto o português quanto o inglês não necessitam de uma mudança de ordem de palavras na oração para apresentar os diferentes tipos de Foco, que pode ser apresentado a partir de uma proeminência prosódica em qualquer parte da oração. Contudo, ambas as línguas permitem a mudança de ordem no uso de construções especiais de Foco ou ordem especial para seus constituintes (Dik, 1989) como um recurso linguístico para destacar esse recurso pragmático.

Dik (1989) apresenta em sua GF um esquema geral do tipo P2, P1 (V) S (V) O (V), P3, em que as posições P2 e P3 são reservadas, respectivamente, para o Tema e o Antitema, sendo que as vírgulas indicam pausas entoacionais. A posição P1 normalmente é preenchida com palavras-QU (*wh-words*), pronomes relativos e conectores subordinados e, se nenhum destes constituintes estiver presente na oração, essa posição pode ser ocupada com as funções de Foco ou de

Tópico; após posicionar P1, todos os demais constituintes da predicação assumem as respectivas posições estruturais, indicadas por S, O, V, e outros símbolos possíveis, como X, usados especialmente para indicar satélites.

Pezatti & Camacho (1997) entendem que, no português, o padrão P1 V S (O) dá conta da ordenação verbo-sujeito, uma vez que, nesses casos, não há necessidade pragmática para colocar o sujeito na posição P1, que é, então, deixada vazia ou ocupada por um constituinte com a função de Tópico ou de Foco. Sendo assim, o espelho dessa construção também é verdadeiro, pois as construções SN sujeito precedendo o verbo são vistas, agora, como tendo o sujeito em P1 com função de Tópico. No processo de transformação por que passou o português, com verbos transitivos, intransitivos e com cópulas, o sujeito, quando na função de Tópico, passou a ocupar a posição P1, partindo-se, assim, para um padrão de transição SVO.

Resultante deste processo de transição, pode-se dizer que o português hoje manifesta padrão SVO, em que a posição pré-verbal está-se tornando uma marca formal de sujeito e a posição pós-verbal, uma marca formal para o objeto.

Apesar das semelhanças na ordenação dos constituintes oracionais, o português é, segundo Greenberg (*apud* Dik, 1989), tipologicamente uma língua pós-posicional e o inglês, pré-posicional, distinções que recorrem em domínios específicos como ordem dos constituintes no interior do sintagma nominal. Esse fato mostra a relevância de uma análise contrastiva entre o português e o inglês no que se refere à ordenação de constituintes oracionais e aos processos marcados de focalização. Haveria graus a diferir nas duas línguas, tipologicamente marcadas como sintaxe rígida e Foco flexível na classificação de Van Valin (*op. cit.*). A hipótese que os dados confirmarão ou rejeitarão, é a de que o inglês deve apresentar uma ordem muito mais rígida do que o português quando se trata da alteração da ordem de palavras para aplicação dos recursos de reordenação e clivagem na função Foco em função de o português estar passando por esta transição e aceitar um maior número de variações de posições que o inglês.

CAPÍTULO 2

UNIVERSO DE PESQUISA E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Dik (1989) propõe os conceitos de construções marcada e não-marcada para serem aplicados tanto numa perspectiva translingüística ou tipológica, quanto numa perspectiva intralingüística. Uma construção é considerada marcada quando sua ocorrência é menos esperada na língua, exigindo, conseqüentemente, mais atenção quando ocorre; de forma geral, quanto menos freqüente, mais raro será um item lingüístico e este terá mais valor de marcação na língua.

Existem dois princípios subjacentes ao processo de marcação lingüística: 1) a necessidade de haver itens lingüísticos expressivos especialmente usados para se obter um efeito na comunicação e 2) a tendência de usá-los em excesso tornando-os, desta forma, não-

marcados. Com base nesse conceito de marcado e não-marcado de Dik (1989) é que se organiza parte da análise.

Outro conceito metodologicamente relevante aos objetivos do presente trabalho é a classificação tipológica de Van Valin (1997) sobre a natureza rígida ou flexível da sintaxe de uma língua em relação à natureza igualmente rígida ou flexível da estruturação de Foco, já que se pretende levantar aqui apenas os casos marcados de focalização.

Para Van Valin (*op. cit.*) uma língua tem estrutura de Foco flexível, em virtude de o constituinte focal incidir, sem restrições, sobre qualquer constituinte da oração, e rigidez sintática, se possuir uma ordem fixa de palavras – caso do inglês e do português, que apresentam ordem SVO – que não precisa ser modificada para se adaptar ao Foco; isso não significa, contudo, que essas línguas não permitam variação de ordem de palavras com propósitos pragmáticos.

O objetivo principal do nosso trabalho é verificar a diferença de comportamento do português e do inglês quanto à rigidez sintática em situações de Foco, ou seja, verificar que recursos lingüísticos são mais usados quando essas línguas se deparam com os tipos marcados de Foco. Para marcar o Foco, Dik (1989) considera que as línguas

manifestam os seguintes mecanismos: 1) proeminência prosódica, 2) ordem especial dos constituintes, 3) marcadores especiais e 4) construções especiais. Dik (op. cit.) ainda considera o escopo e as Funções Comunicativas como componentes importantes na identificação dessa função pragmática.

Antes do levantamento propriamente dito, decidiu-se a natureza do corpus a ser usado nas duas línguas. Por ser o Foco uma função pragmática importante no jogo interacional, optou-se por estudá-lo na comunicação oral em contextos informais, ou seja, em diálogos gravados com participantes conversando sobre assuntos previamente estabelecidos, mas que poderiam ser alterados de acordo com o interesse dos interlocutores.

Optou-se, nas duas línguas, por um corpus já existente em função do pouco tempo de trabalho disponível para realizar a pesquisa. O levantamento de um corpus com detalhamento prosódico demandaria um tempo excessivamente longo, comprometendo o cronograma originalmente projetado. No português, deu-se preferência pela análise de cinco inquéritos do Projeto de Gramática do Português Falado, extraídos dos *Diálogos entre dois informantes (D2)* (Castilho e Preti, 1986), variedades de São Paulo (D2:360); do

Rio de Janeiro (D2:355); de Recife (D2:05); de Salvador (D2:98) e de Porto Alegre (D2:291)¹⁹.

Já o material do inglês foi obtido via Internet. Fez-se uma pesquisa na rede à procura de um corpus o mais equivalente possível ao do português quanto aos tipos de participantes e comportamento lingüístico informal, como o que geralmente ocorre com diálogos. O material disponível representa apenas a primeira parte do corpus, já que as demais se encontravam ainda em processo de elaboração na época de sua obtenção. Entretanto, essa parte foi suficiente para o desenvolvimento do trabalho. O corpus, que incorpora diálogos autênticos do inglês falado, foi elaborado pelos lingüistas Wallace Chafe e John Du Bois, da Universidade de Santa Bárbara na Califórnia, num projeto que recebeu o nome de *Santa Barbara Corpus of Spoken American English*. Os inquéritos aqui usados são os seguintes 0001; 0002; 0004; 0005; 0006; 0007; 0008; 0009; 0010. Diferente do corpus do português, o do inglês numera seus inquéritos sem colocar o nome das cidades em que foram gravados²⁰.

¹⁹ Ver as normas de transcrição do português no Anexo 1.

²⁰ Ver as normas de transcrição do inglês no Anexo 2.



Para efetuar a equivalência no levantamento da amostragem de cada corpus, tomou-se como unidade operatória a oração, de acordo com os critérios da gramática tradicional. Assim, a organização da amostra foi presidida pelos seguintes critérios:

- 1) considerou-se oração a sentença que possuísse um núcleo verbal e seu(s) complemento(s); respostas afirmativas ou negativas que consistissem apenas dos elementos *sim-não* não foram computadas como orações, bem como as orações truncadas ou interrompidas;
- 2) as interrogativas obedecem ao mesmo critério de suas respostas, ou seja, interrogativas que apresentam somente a palavra-QU (*question word*) não foram computadas como oração, a não ser que fossem formuladas com todos seus constituintes;
- 3) as orações analisadas como relativas e completivas foram computadas como uma única sentença, já que complementam a matriz, já os casos de coordenação e subordinação adverbial, que ligam duas idéias independentes, foram consideradas como duas orações.

Em cada inquérito, levantaram-se as orações marcadas e, após o levantamento do total da amostra, analisaram-se as orações marcadas com as variáveis que tinham sido previamente estabelecidas, sem

deixar de, nos exemplos, apresentá-los em *itálico*, sublinhar os recursos lingüísticos usados para estabelecer o Foco marcado e de marcar com **negrito** o escopo sobre o qual incide esse recurso. Deve-se ressaltar, neste momento, que se consideraram marcadas as orações que contêm algum recurso lingüístico para marcação de foco, cujos critérios serão explicitados abaixo.

O levantamento de dados foi concluído quando se chegou a um número equivalente de orações marcadas no português e no inglês, ou seja, no português, um total de 318 casos e, no inglês, um total de 324 casos marcados de Foco. Deve-se ressaltar que o número aproximado de casos nas duas línguas não tem valor relativo. Não há interesse em considerar, por exemplo, o número total de casos, 742, e verificar a distribuição proporcional de tipos e subtipos focais em relação a esse número. Todo o tratamento estatístico mede a frequência relativa de estratégias focais com base no número total de casos de Foco em cada uma das duas línguas examinadas e somente então as duas grandezas, vistas assim em si mesmas, são devidamente aproximadas e comparadas.

O processamento de dados foi realizado eletronicamente e a análise feita diretamente no computador, mediante o uso de programas



do pacote VARBRUL – Variable Rule Program (Sankoff, 1975) que consiste num pacote estatístico idealizado para a análise de fenômenos variáveis. O VARBRUL é um conjunto de programas que deve seguir uma ordenação específica no que concerne a sua execução. É necessário lembrar que o uso do VARBRUL representa apenas um instrumento estatístico que estabelece correlações significativas de modo rápido e econômico, entre um conjunto de grupos de fatores. É natural que não se trata de analisar variáveis, no sentido sociolingüístico do termo.

O primeiro programa da série VARBRUL que se utilizou foi o *Checktok*; para executá-lo necessitou-se de um arquivo de dados e um arquivo de especificação de fatores. A função do *Checktok* é comparar os símbolos digitados na cadeia de codificação do arquivo de dados com o arquivo de especificação de fatores, definida a ordem em que os grupos de fatores deveriam aparecer no arquivo de dados, bem como o conjunto de símbolos válidos para cada grupo. Os arquivos de dados e o de especificação de fatores foram criados por meio de um editor de texto chamado *QEdit*. O arquivo de especificação de fatores define, em primeiro lugar, o número de grupos de fatores a serem utilizados pelo programa, incluindo a variável dependente.

A seguir usou-se o *Readtok*, programa que cria o arquivo de ocorrências adequado para a leitura do programa *Makecell*. Posteriormente, utilizou-se o *Makecell* que criou o arquivo de células específico para o programa *Crosstab*. O *Makecell* além de contar o número de ocorrências calculando os percentuais de aplicação para cada fator, mantém a codificação original, possibilitando a interpretação das frequências de uso. O *Crosstab*, gerado pelo *Makecell*, permite fazer uma tabulação cruzada de dois grupos de fatores independentes que forem considerados pertinentes ao trabalho; a utilidade deste programa está, pois, em poder identificar, por meio da análise de tabelas, as possíveis sobreposições entre grupos de fatores.

Partiu-se da definição dos critérios de tipos marcados de Foco de Dik (1989) para estabelecer os critérios relevantes de análise, chegando-se aos seguintes grupos de fatores 1) estratégia sintática de focalização; 2) tipos de clivagem; 3) subtipos de ordem especial de constituintes; 4) escopo e 5) Finalidade Comunicativa; cada grupo é constituído pelos fatores demonstrados a seguir e suas respectivas codificações. Deve-se notar que nos grupos 2 e 3 abaixo existe um fator denominado 'não se aplica' devido ao fato de esses dois grupos

serem, na verdade, subtipos de mecanismos lingüísticos e se esses mecanismos não são usados no caso específico, seus subtipos o são:

1. estratégias formais de focalização:

- proeminência prosódica: y
- ordem especial dos constituintes: z
- marcadores especiais: k
- clivagem: q
- interrogativas em eco: w

2. tipos de clivagem:

- clivagem propriamente dita: 1
- construção é que: 2
- construção que: 3
- pseudo clivada: 4
- foco ser: 5
- duplo foco: 6
- interrogativa com clivagem: 7
- não se aplica /

3. subtipos de ordem especial dos constituintes:

- inversão de sujeito: \$
- inversão de complemento: @
- inversão de satélite: *
- flutuação de quantificador: &
- não se aplica /

4. escopo:

- sentencial: s
- sujeito: u
- complemento: d
- verbo: e
- satélite: a
- operador de termo: t
- operador de predicado: o

5. Finalidade Comunicativa:

- completivo:	c
- contrastivo paralelo:	l
- substitutivo:	b
- expansivo:	x
- restritivo:	v
- seletivo:	i

6. idioma:

- português:	p
- inglês:	n

Como objetivo final do trabalho é estabelecer uma análise contrastiva entre português e inglês, foram escolhidos, para figurar como “variável dependente” do pacote VARBRUL, os dois tipos de sistema lingüístico, estratégia que permitiu verificar a distribuição das variáveis relativas ao foco com alto grau de fidedignidade.

Iniciou-se pelo grupo de ‘estratégia sintática de focalização’ e nele inseriram-se os subfatores ‘proeminência prosódica’, ‘ordem especial dos constituintes’, ‘marcadores especiais’, ‘clivagem’ e

‘interrogativas em eco’. Contudo, considerou-se pertinente, antes de mais nada, apresentar as variáveis de escopo e de Finalidade Comunicativa de Foco em função de esses dois últimos grupos estarem, obviamente, presentes em todas as ocorrências analisadas.

Para Dik (1989), o escopo diz respeito ao constituinte da oração sobre o qual o mecanismo de Foco incide. Van Valin (1997) menciona dois tipos fundamentais de escopo, ou seja, o Foco largo (*wide focus*) e o Foco estreito (*narrow focus*), para referir-se, respectivamente, ao mecanismo que alcança a sentença toda ou apenas um de seus constituintes. Para análise, dividiu-se, primeiramente, a incidência de Foco sobre a sentença (exemplo 1), o que caracteriza a noção de foco largo de Van Valin; e sobre o sujeito (2), o verbo (3) e o complemento (4) que engloba o que a gramática tradicional chama de objetos direto e indireto, o que representa a noção de Foco estreito²¹:

²¹ Para entender a codificação das transcrições apresentadas ver as normas de transcrição do português (Anexo 1) e do inglês (Anexo 2).



- (1) *mas até a comunicação de quem mora em Olinda é um pouco diferente de quem mora em Recife* (D2-PE-05:83)
- (2) *and what !Annalisa claims, and her mother claims, is that on that day, they brought back the application for free lunch, .. all filled out* (0004:319.09)
- (3) *bom, eu, não seria tanto assim que eu só acerto um prato requi, de de de muito, muito sofisticado.* (D2-RS-291:107)
- (4) *tinha até tempero azul* (D2-RS-291:194)

Ainda nesse grupo de variáveis, consideraram-se os satélites (exemplo 5), os operadores de termo (6) e os operadores de predicado (7):

- (5) *então no fim ele saiu de lá falando chinês* (D2-RS-291:190)
- (6) *and fifty percent of a=ll males, are HIV positive.* (0002:628.78)
- (7) *estatísticas NÃO... dizem que o que o estatístico dizem que o estatístico o o estatístico é o homem que senta* (D2-PE-05:32)

A Finalidade Comunicativa está relacionada com os objetivos pragmáticos do Emissor ao salientar uma parte da predicação que enuncia. Dik (1989) fala que o tipo Completivo completa uma

informação de que o Receptor não dispõe e que todos os outros tipos de Finalidade Contra-Pressuposicional contrariam alguma informação pressuposta que o Emissor presume que o Receptor tenha. Por apresentar uma informação totalmente nova, o tipo Completivo não é considerado, na maioria dos casos, Foco marcado. Como, todavia, o levantamento incluiu todas as estratégias especiais de marcação focal, muitos casos são, mesmo assim, de Foco Completivo, como se verá mais adiante. Como a posição final da predicação é a mais previsível para a manifestação de informação nova, é natural que, ao desejar selientá-la, o usuário empregue alguma construção especial.

A posição esperada de uma estrutura de Foco é à direita da oração como constituinte da estrutura tópico-comentário, ou seja, toda comunicação é baseada na troca de informação pragmática e a ordem esperada, não-marcada, do Foco tem como escopo o verbo, o complemento e os satélites e operadores quando em posição à direita do núcleo. Em oposição, quando se encontra um Foco Completivo com escopo incidindo sobre o sujeito (ver exemplo 8 abaixo) ou sobre outros operadores de predicado (9) ou de termo (10) dentro do próprio sujeito, o Foco foi classificado como marcado:

- (8) *and **!Ron** was s=lowly pulling everybody out of the ditch.*
(0007:450.75)
- (9) *you d- you d- you **can't** do that.* (0001:457.41)
- (10) *em todas as seções porque em todas a:: em todas as
autarqui::a::s em todas a::s secretarias porque em **TUdo**
precisa sempre um advogado funcionário* (D2-SP-
360:816)

É importante acrescentar que, como o Foco Completivo marcado no sujeito está sempre associado à estratégia de proeminência prosódica, somente nestes casos foi considerada como uma variável a ser analisada. Vale mencionar, também, que a hipótese a ser testada é a de essa estratégia já ocorrer com maior frequência no inglês principalmente por dois motivos: o primeiro, em função de seu próprio comportamento prosódico e, o segundo, em função da rigidez sintática mencionada por Van Valin (*op. cit.*) que se voltará a comentar abaixo.

Dik (1997) diz que um recurso lingüístico bastante usado para se demonstrar a função de Foco são as interrogativas, ou perguntas com palavras-QU (*question-words*) do inglês, e suas respostas. Para ele, uma pergunta é uma predicação aberta em x, apresentada com uma ilocução interrogativa que assinala um pedido do Emissor para

que o Receptor preencha a posição aberta, marcada pela palavra-QU, com uma informação apropriada. Nos dados do *cópus*, quando essa informação é preenchida com uma informação totalmente nova com Foco Completivo sem nenhuma intenção contrastiva, esse tipo de Foco foi considerado não-marcado não sendo, assim, um objeto de levantamento.

Contudo, as orações interrogativas duplamente marcadas foram considerada Foco marcado e, portanto, computadas no *cópus*. O primeiro caso é o das interrogativas associadas à clivagem, que é possível verificar nos exemplos (11) e (12) abaixo. Esse recurso foi considerado como uma variável dentro do subgrupo “estratégia sintática de focalização por clivagem”:

(11) *mas por que que os dias que não tem aula ele acorda cedo?* (D2-SP-360:282)

(12) [*is that what she's*] *doing?* (0009:977.52)

O segundo caso de interrogativas marcadas é o das interrogativas em eco, presente nos dados do inglês, como se verifica em (13) abaixo:

(13) *You did what* (0007: 395.33)

Pode parecer incoerente, a princípio, não terem sido considerados os demais tipos de interrogativas que tenham também como resposta um Foco Completivo. A justificativa está na própria estrutura da pergunta, ou seja, a ordem esperada não-marcada de um interrogativa contém a palavra-QU à esquerda, na posição inicial da predicação; quando esse constituinte é posicionado à direita, ela será, obviamente, uma construção marcada, caso das interrogativas em eco.

Todas as outras formas contrastivas com base na Finalidade Comunicativa foram levantadas no grupo de variáveis “Finalidade Comunicativa” que também contém o Foco Completivo explicado anteriormente, nos casos mencionados acima ou associado às outras estratégias de Foco, e os tipos Paralelo (exemplo 14) e os Contra-suposicionais Expansivo (15), Restritivo (16) e Substitutivo (17)²².

²² Curiosamente, não se obtiveram, no corpus, casos de Foco Seletivo e, conseqüentemente, não é pertinente, aqui, exemplos desse tipo.

- (14) *não... embora embora seja lamentável a gente dizer a vocês o seguinte... de que o Nordeste só cresce em termos absolutos... em termos relativos fica cada vez mais distante do Sul...* (D2-PE-05:169)
- (15) *eu já vi até que ela anda dando esse golpe aí... sabe...* (D2-RJ-355:98)
- (16) *I'm just waiting [for my kid to grow up so that he can work construction with me].* (0004:169.34)
- (17) *então com a:: com esta... com este recurso de mandado de segurança .. não foi propriamente o recurso foram coisas que realmente aconteceram...* (D2-SP-360:601)

Tendo-se apresentado o critério que designa a relação de variáveis quanto ao escopo e a Finalidade Comunicativa do Foco, em função de esses grupos estarem presentes em todas as ocorrências, volta-se, agora, para os critérios referentes às estratégias formais de focalização. Como mencionado anteriormente, esse grupo foi composto a partir dos critérios de tipos marcados de Foco de Dik (1989) com os seguintes elementos: proeminência prosódica, ordem especial de constituintes, marcadores especiais, clivagem e interrogativas em eco.

Explicitaram-se, anteriormente, as razões para incluir 'interrogativa em eco' e 'proeminência prosódica' como fatores de

análise. Por marcadores especiais consideraram-se, no português, os definidos por Mira Mateus *et al.* (1994) como marcadores especiais de Foco do tipo *até, o próprio, mesmo, só*, que podem ter, na maioria, escopo estreito conforme se verifica em (18) abaixo.

(18) *mas dentre uma... e outra... há uma faixa enorme... mas é uma s::érie de salários que ele... mas ele só vê o teto* (D2-SP-360:1334)

Ainda nesse subgrupo inseriram-se os advérbios focalizadores, como *exatamente, principalmente, justamente, especialmente*, assim classificados por Ilari *et al.* (1990). Esses operadores atuam escopando um constituinte da predicação de modo muito similar aos tipos de marcadores especiais citados por Mira Mateus, como em (19):

(19) *ai sobrou exatamente o arroz com frutos do mar* (D2-RS-291:43)

No inglês, utilizaram-se versões desses mesmos recursos, como *even, also, just, only, mainly*, com base na classificação dada por Swan (1995), que os denomina *focusing adverbs*, na posição após o

verbo auxiliar e verbo *to be*, e após verbos principais e diretamente antes das palavras modificadas, como se observa em (20-22) respectivamente:

- (20) *anyway, this girl must only weight like, a hundred and ten pounds.* (0001:857.45)
- (21) *... they don't understand, that it's also okay, ... not to have... everybody at the same party.* (0006:722.55)
- (22) *it was funny... [that's the only part] I'll miss* (0006:1392.02)

Ainda no âmbito das estratégias formais, decidiu-se por dar um tratamento específico à ordem especial de constituintes, que passou a compor um subgrupo próprio de fatores. Dik (1989) trata esse mecanismo como “ordenação especial de constituintes” para obtenção de Foco mas, como já mencionado, não faz uma qualificação detalhada desses recursos. Quirk *et. al.* (1989) distinguem dois tipos de inversão que consistem, respectivamente, na inversão de sujeito e verbo e na inversão de sujeito e operador.

Da mesma forma que Quirk *et. al.* (*op. cit.*) mencionam casos de inversão, Mira Mateus *et al.* (1994) mencionam movimento do

constituente focalizado para posição final de frase, por inversão do sujeito, por movimento do objeto direto para uma posição de adjunção ao sintagma verbal ou por flutuação do quantificador constituente do sintagma nominal do sujeito²³.

Já se mencionou que a GF de Dik (1989) não inclui processos transformacionais de movimento como inversão e trata tipos alternativos de ordenação como escolhas operadas sobre diferentes formas de expressão disponíveis. Assim, quando o Emissor decide enunciar, por exemplo, um sujeito na posição final da oração, ele relaciona a estrutura pertinente e a posiciona dessa forma por uma opção comunicativa e não por uma reordenação das expressões lingüísticas. Tendo essa idéia em mente, partiu-se das formas de reordenação apresentadas por Mira Mateus *et al.* (*op. cit.*) e criou-se o subgrupo de variáveis de ordenação intitulado “subtipos de ordem especial dos constituintes”. Nesse grupo considerou-se a inversão do sujeito, do complemento, do satélite e do quantificador (ver abaixo exemplos 23 – 26 respectivamente) tanto no português quanto no inglês:

²³ Ver seção 1.2, p. 55-6



- (23) *dizem que tá muito abandonado aquele troço* (D2-BA-98:84)
- (24) *a passagem eu compro a prazo...* (D2-RJ-355:138)
- (25) *...in the beginning of the year there was a lot of classroom work,* (0001:105.87)
- (26) *sim... porque eu tenho crianças várias para pegar na escola ... sabe?* (D2-SP-360:1606)

Durante a análise, procurou-se verificar a hipótese de que o inglês conteria menos casos de reordenação de constituintes do que o português, pois, apesar de ambas as línguas apresentarem o mesmo comportamento de rigidez sintática apresentado por Van Valin (1997), o inglês parece, a princípio, uma língua com forma ainda mais rígida do que o português, em função de dispor de auxiliares para tempos verbais, de sempre necessitar a presença de uma forma expletiva para os casos em que o sujeito é nulo em português e de manifestar uma pré-posição rígida em relação aos demais constituintes.

Uma última estratégia sintática especial analisada foi a diversidade de estruturas de clivagem que também podem ser usadas com diferentes funções pragmáticas e textuais. Dik (1997) assinala que, nas estruturas subjacentes das construções Clivadas prototípicas, o Tópico Dado é um termo definido aplicado como um predicado,

representação essa translingüisticamente válida. Dik (*op. cit.*) considera dois subtipos de clivagem: Clivadas propriamente ditas e Pseudo- Clivadas. Embora ambos os tipos sejam sintaticamente mais complexos do que as sentenças com reordenação de constituintes, ainda é possível encontrar o escopo do Foco nos constituintes do sujeito, do objeto (complemento) e nos satélites.

No inglês, a Pseudo-Clivada ocorre mais tipicamente com orações ‘*wh-*’ como sujeito (com preferência pelo pronome *what*), desde que ela possa apresentar, dessa forma, um clímax no complemento.

Para a classificação das variáveis do subgrupo de “Clivadas” como estratégia sintática de focalização, consideraram-se, como dito anteriormente, as interrogativas associadas às Clivadas como um subtipo (exemplo 27) e para os outros subtipos, seguiu-se a classificação dada por Braga (1999) tanto para o português quanto para o inglês, apesar de o inglês não estar descrito por ela. Assim, consideraram-se inicialmente as Clivadas propriamente ditas (exemplos 28-29); as Pseudo-clivadas (30-31); as construções é que (32-33); construções que e do tipo foco ser. Vale lembrar, todavia, que

desses dois últimos tipos nenhum exemplar foi encontrado tanto no português quanto no inglês:

- (27) *Onde é que elas estão?... (D2-SP-360:1615)*
- (28) *o:: estudante que se dedicou a Engenharia... Agronomia ele gosta... do interior ou então é o filho do fazendeiro que vai tomar conta da fazenda do pai:: esse negócio todo... (D2-SP-360:949)*
- (29) *... these are **parents** that come [from place]s like El Salvador, and [Columb]ia and they= [have ne]ver learned English. (0004:160.19)*
- (30) *se é a mãe perguntando diz que quem **quebrou** foi o pai ((risos)) (D2-SP- 30:266)*
- (31) *... what it **amounts to** is mutual r- respect, (0007:107.98)*
- (32) *tanto que quando eu vou a primeira que me **pedem** é que leve whisky... licor... perfume... (D2-RJ-355:746)*
- (33) ***this** is what we came out with. (0009:244.22)*

Com base nesses critérios de análise é que o corpus foi obtido, submetendo-o, como já se assinalou, a programas específicos do pacote VARBRUL. Obtidas as frequências de ocorrência, passou-se à análise qualitativa cujos resultados são discutidos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 3

ANÁLISE DESCRITIVA DAS ESTRATÉGIAS DE FOCALIZAÇÃO

3.1. Mecanismos gerais de focalização: análise comparativa

A análise do comportamento do português e do inglês falados em relação aos casos marcados da função pragmática de Foco parte, como já mencionado, da classificação elaborada por Dik (1989). Consideram-se, primeiramente, as estratégias mais gerais de expressão de focalidade, ou seja, proeminência prosódica, ordem especial dos constituintes, marcadores especiais e construções especiais. Vale lembrar que a expressão “construções especiais” abriga os diferentes casos de clivagem e que se tratou das interrogativas em eco como um subtipo de estratégia formal de focalização, apesar de consistir num

caso de ordenação especial de constituintes. Os dados relativos a essa primeira distribuição geral estão expostos na Tabela 1 abaixo:

	Português		Inglês	
	N	%	N	%
Marcadores	135	42,0	117	37,0
Clivagem	63	20,0	52	17,0
Proeminência	22	7,0	111	35,0
Ordem	97	30,5	33	10,0
Interrogativa em eco	1	0,5	3	1,0
Total	318		316	

Tabela 1: Estratégias formais de focalização

A variável determinante analisada é a diferença de comportamento entre as duas línguas quanto às estratégias formais de focalização. Os resultados mostram que o mecanismo estatisticamente majoritário em ambas as línguas consiste no uso de marcadores especiais com 42% (135/318) no português e 37% (117/316) no inglês, cujos exemplares estão representados nas sentenças (34) e (35):

- (34) *os homens os homens que estão lá... realmente... eles
penam... penam bastante...é um tal de ter que trabalhar
fo::ra porque não dá só o de lá... (D2-SP-360:721)*
- (35) *[you have to tell].. students, never get... give a tutor..
anything... anything.. ever not even homework.
(0004:347.33)*

As diferenças são reduzidas e apontam mais para uma semelhança do que para uma diferença. Essa similaridade se justifica pelo fato de se consistir um recurso lexical, não exatamente sintático, sendo que alguns marcadores são prioritários para algum tipo de Finalidade Comunicativa, como a função restritiva. Além disso, o uso desse tipo lexical de marcador não implica alteração nenhuma na rigidez sintática que caracteriza os dois sistemas lingüísticos, já que o escopo desses marcadores pode incidir sobre qualquer constituinte da oração bem sobre toda a oração sem necessitar alterações na ordem dos constituintes. É bem possível que se possa creditar a esse tipo de uso o motivo principal dessa estratégia ser a mais usada em ambas as línguas.

Outra semelhança notável nas ocorrências dessas estratégias gerais se verifica na frequência das construções clivadas com um

índice de 20% (63/318) de uso na amostra do português falado e de 17% (52/316) na amostra do inglês falado, como se exemplifica nas sentenças 36 e 37 abaixo.

(36) *a Laura não se definiu tenho impressão de que ela vai ser PROmotora... que ela vive acusando é **aquela** que.. toma conta do pessoal ((risos))* (D2-SP-360:1373)

(37) *he was **a man** who would walk up to two little boys that were talking, and grab their hair* (0004:823.85)

Surpreende um pouco essa semelhança que tende para certa proporcionalidade nas duas línguas na distribuição de clivagem em relação aos outros mecanismos, pois uma das hipóteses que orienta este trabalho se baseia no fato de disporem ambas as línguas de rigidez sintática e flexibilidade focal, sendo que o português mantém uma estrutura focal relativamente mais rígida que o inglês, com uma sintaxe relativamente mais flexível.

A nossa principal hipótese se baseia na proposta de Van Valin (1999) quanto à rigidez das línguas. Ele categoriza o inglês como sendo um língua de estrutura sintática rígida que, por ter uma estrutura de Foco flexível, não tem necessidade de alterar a ordem de palavras

para se adaptar à estrutura de Foco, bastando para isso usar a proeminência prosódica. A flexibilidade focal do inglês está no fato de que qualquer constituinte e mesmo a predicação toda podem estar no escopo do Foco, sem qualquer restrição. Apesar de permitir que recursos sintáticos, como a inversão, possam ser usados, o inglês recorre, em primeiro lugar, ao uso de proeminência prosódica, deixando a alteração da ordem de palavras como um recurso secundário. Embora Van Valin não mencione o português, é possível aplicar-lhe o mesmo raciocínio. A idéia é que, embora o português também se caracterize por uma estrutura de sintaxe rígida, como o inglês, ele dispõe de maior flexibilidade relativa do que o inglês por permitir, com maior freqüência, construções alternativas de ordem de palavras para a manifestação de Foco. Nesse caso, a clivagem costuma ser mecanismo mais atraente para línguas desse tipo, como o francês por exemplo, que, segundo Van Valin (*op. cit.*), por não admitir constituintes focalizados em posição pós-verbal, necessita de clivagem para deslocar o constituinte focalizado para a posição pós-verbal em relação à oração matriz. Isso posto, esperava-se encontrar um número bem maior de casos de clivagem no português, que apresenta ainda, no ponto de vista aqui adotado, uma ordem de palavras relativamente



menos rígida que o inglês. De qualquer modo, é necessário operar uma análise mais detalhada da clivagem e seus subtipos, o que se fará a seguir na seção 3.2.

Analisando-se os outros fatores da Tabela 1, pode-se verificar que, de fato, os resultados de cada língua indicam haver uma inversão na frequência de duas estratégias aparentemente alternativas; enquanto o português apresenta apenas 7% (22/318) de casos de proeminência prosódica e 30,5% (97/318) casos de alteração de ordem canônica, essa relação se deu em uma proporção diretamente inversa no inglês, cuja frequência de casos de proeminência prosódica chega a 35,0% (111/316) contra apenas 10% (33/316) de casos de construção com Foco na posição P1 (*cf.* Dik, 1989).

É possível dar um tratamento mais geral aos dados da Tabela 1, que podem ser reagrupados, conforme aparecem na Tabela 2, em estratégias sintáticas (ordem, clivagem e interrogativa em eco) e estratégias não-sintáticas (marcadores especiais e proeminência prosódica).

	Português		Inglês	
	N	%	N	%
Estratégias não-sintáticas	157	49,0	227	72,0
Estratégias sintáticas	161	51,0	89	28,0
Total	318		316	

Tabela 2: Estratégias sintáticas e não-sintáticas de focalização

Conforme a Tabela 2 indica com nitidez, o português dispõe de uma frequência muito mais elevada que o inglês de estratégias de focalização que exigem acomodação da estrutura sintática, ainda que a distribuição entre estratégias não-sintáticas seja muito próxima. O inglês, todavia, torna muito mais drástica e diferenciada a distribuição entre os dois tipos de mecanismos. A preferência majoritária é por executar a função pragmática de indicação de Foco, alterando minimamente a sintaxe. Esses dados dão suporte mais consistente à hipótese de um *continuum* entre as duas línguas, que, apesar de estarem configuradas ambas como de sintaxe rígida e Foco flexível, na tipologia de Van Valin, acham-se situadas em pontos relativamente diferentes: o português tem sintaxe menos rígida e Foco menos flexível; exatamente o oposto se aplica ao inglês.

É possível deduzir que essa inversão na incidência de duas estratégias alternativas confirma a hipótese acima: o inglês não tem necessidade de alterar a ordem de palavras para se adaptar à estrutura de Foco, bastando para isso usar a proeminência prosódica; o português, pelo contrário, como emprega mais a estratégia de reordenação de constituintes que o inglês, acomoda a sintaxe, que é, por seu lado, menos rígida, para a expressão da função pragmática de Foco, conforme mostra o exemplo (38) abaixo em que se emprega uma construção com o complemento na posição P1, posição especial no início da sentença para a manifestação de funções pragmáticas:

(38) *então:: eu trabalho (no) horário que eles estão na escola...
e o resto eu trago para casa...* (D2-SP-360:482)

O inglês manifesta uma preferência pela estratégia de proeminência prosódica em oposição às construções de ordem inversa de constituintes, deixando esse recurso dirigido apenas para representar Foco Contrastivo, cujos casos se afigurariam, assim, como mais marcados, conforme se observa em (39). Deve-se lembrar que analisam-se somente os casos marcados de proeminência, ou seja,

aqueles posicionados no sujeito ou em constituintes à esquerda do núcleo, como operadores de termo ou de predicado, como se verifica nos exemplos (40) e (41) respectivamente:

(39) ...!Joy I like... cause she's really interesting. (0006:787.48)

(40)!Rana !Lee's gonna have a baby by the way.
(0001:1232.27)

(41) but I di=d tell someone, (0008:882.35)

Outro fato que deve ser mencionado para explicar o alto índice de proeminência prosódica no sujeito em inglês é que este se deu, em grande parte, em função da inclusão de novos personagens ou comentários nos diálogos gravados, conforme se observa no trecho inserido em (42) abaixo; no português, não foi possível identificar esse tipo de comportamento, pois os participantes das gravações mostram-se, em geral, mais centrados no assunto proposto pelo próprio entrevistador; já as gravações do corpus em inglês são mais livres.

(42) A: *and the guy= that the teacher... threatened to throw against the wa=ll,... was put forward a year.*

B: *!Eli graduated a year before I did. (0004:893.99)*

Focalizando agora as interrogativas em eco, é interessante notar a baixa incidência em ambas as amostragens, com manifestação pouco significativa tanto nos dados do inglês, com 1% (3/316), quanto nos do português, com apenas um único caso; para línguas de sintaxe rígida, como o inglês e o português, que estão dotadas de uma construção própria para interrogativas com palavras-QU, resultam um tanto quanto atípicas e marcadas as construções com o interrogativo *in situ*, como (43) e (44), já que esse tipo de construção implica uma alteração na ordem de constituintes que o inglês e o português evitam, paralelamente ao uso de construções com elementos do predicado na posição P1.

(43) You went where (0004:267.83)

(44) L2 *por exemplo... a passagem você comprava como?*

L1 *a passagem eu compro a prazo... (D2-RJ-466:137)*

Interessante observar que a interrogativa em eco de (44) parece ser motivada pelo fato de que a pergunta de L2 já contém na posição P1 um constituinte com função pragmática, no caso a de Tópico (o SN *a passagem*), não havendo, portanto, possibilidade de inserir em P1 o constituinte focal, que vai para o final da oração. Observe-se ainda que a resposta de L1 mantém essa ordenação, com o Tópico, no caso o objeto, deslocado para a posição P1 e o Foco, o satélite de modo, na posição final não marcada, que é para onde vai, via de regra, os constituintes que veiculam a informação nova.

A quase ausência de interrogativas em eco pode corroborar a hipótese de que o português apresenta sistema de Foco ainda menos flexível que o inglês, já que parece optar por construções sintaticamente bem diferenciadas para acomodar sentenças com Foco marcado e distingui-las de sentenças de Foco não-marcado.

3.2. Mecanismos específicos de focalização: a clivagem

Como se viu acima na análise da Tabela 1, tipos alternativos de clivagem, como mecanismo formal para a expressão de Foco, são responsáveis por apenas 20% do total de casos do português (63/318) e por apenas 17% do total de casos do inglês (52/316). Mesmo assim, parece relevante examinar o modo como se distribuem nas duas línguas os subtipos específicos de clivagem. Observe-se a Tabela 3, que mostra a distribuição, nos dois sistemas lingüísticos, dos subtipos possíveis de construção clivada.

	Português		Inglês	
	N	%	N	%
Construção <i>é que</i>	9	14,0	40	76,0
Clivada propriamente dita	13	21,0	2	3,0
Pseudo-clivada	3	5,0	7	15,0
Interrogativa + clivagem	38	60,0	3	6,0
Total	63		52	

Tabela 3: Distribuição de subtipos de clivagem

Observou-se anteriormente, na análise da Tabela 1, que do total de recursos focais, o português dispõe de 20,0% de uso de clivadas,

enquanto o inglês, 17,0%. Não é possível considerar que a percentagem de 3% a mais de casos constitua uma frequência significativa para comprovar a hipótese de que o português dispõe de uma estrutura de Foco relativamente menos flexível que o inglês e esta disporia de uma estrutura sintática relativamente mais rígida que o português.

Observando-se a Tabela 3, verifica-se uma diferença realmente significativa na distribuição de subtipos de clivagem: o inglês dá preferência para a construção *é que* (*x is that*), cuja incidência é majoritária entre os casos de clivagem 76,0% (40/52), conforme se observa no exemplo abaixo:

(45)... *that's what I thought.* (0004:30.22)

Esse subtipo de construção Clivada ocorre com frequência equivalente em todos os inquéritos analisados, o que leva à dedução de que é um recurso usado no inglês, principalmente para concluir um raciocínio. Como se trata de predicação matriz com outra predicação encaixada com palavra-QU em posição inicial, que já é comum em interrogativas, é perfeitamente possível afirmar que essa seleção se

acomoda com harmonia à natureza mais rígida da sintaxe do inglês. No exemplo (45) acima, vê-se que o constituinte *that* é, na verdade, um complemento do núcleo '*I thought*' e que, transposta para a ordem linear, (45) produziria uma sentença como a que aparece em (46):

(46) *I thought that.*

Caso se optasse por uma construção com o objeto em posição P1, ou frontado na definição gerativa de Quirk (1989), o que se produziria, no final, é de fato uma acomodação da sintaxe para abrigar a função focal:

(47) *That I thought.*

Está claro que o uso de uma versão da construção *é que*, que (45) representa bem, mantém a sintaxe praticamente inalterada.

As construções Pseudo-Clivadas apareceram em um número reduzido de casos, apenas 15,0% do total das operações de clivagem do inglês (7/52), e as Clivadas propriamente ditas obtiveram representatividade ainda menor, com uma incidência de apenas 3,0%

(2/52). A frequência desses dois tipos de construção é insignificante se comparada à de construções do tipo *é que*. Os exemplos (48) e (49) abaixo representam respectivamente um caso de construção Pseudo-Clivada e de construção Clivada:

(48) *what it amounts to is mutual r- respect.* (0007:107.98)

(49) *these are parents that have come [from place]s like El Salvador, and [Colum]bia and they= [have ne]ver learned English.* (0004:160.19)

O português manifesta comportamento diferente: destaca-se uma frequência muito alta de interrogativas com clivagem, ou seja 60,0% dos casos (38/63), conforme se observa no exemplo (50) abaixo:

(50) *e esse... lá na Europa... como é que tá o problema do comércio brasileiro... dá prá sentir?* (D2-RJ-355:223)

Vale ressaltar que o grande número de incidência de casos de interrogativas com clivagem é devido, principalmente, ao inquérito D2-355 do Rio de Janeiro, em que praticamente todas as perguntas

feitas pelo entrevistador acham-se associadas à clivagem; todavia, não se pode afirmar que o uso desse recurso seja exclusivo do Rio de Janeiro, já que aparece também em outros inquéritos. A incidência desse tipo de construção no inglês, exemplificado na sentença (51) abaixo, resumiu-se a apenas 6,0% do total de clivagem (3/52).

(51) *is that what all [those square root of twos are?]*.
(0009:257.47)

É interessante observar a alta frequência no português da associação entre interrogativas e clivagem que pode ser um indício de que o português, diferentemente do inglês, pode estar passando por uma mudança em direção do tipo sintaxe rígida e Foco rígido, como classifica Van Valin (*op. cit.*).

Um bom exemplo de uma língua em que tanto a estrutura sintática quanto a estrutura de Foco são rígidas é o francês. Lambrecht (1986, 1994 *apud* Van Valin 1999) argumenta que o francês tem uma restrição contra sujeitos focais pré-verbais e não dispõe, como outras línguas, de uma construção de inversão do sujeito. O modo como a sintaxe do francês resolve os requisitos dessa regra é usar uma

construção em que um sujeito focal diferente aparece pós-verbalmente, podendo, assim, satisfazer essa restrição. No caso de focos sobre o argumento, usa-se uma sentença Clivada. Embora o francês permita, como o português, que palavras-QU apareçam em posição pré-verbal, há uma forma Clivada alternativa, como *C'est qui qui a préparé la nourriture?*, que permite conservar a restrição de Foco na posição pré-verbal e que, segundo afirma Lambrecht (*op. cit.*) é de fato preferida na modalidade falada, de modo que o francês parece estar-se dirigindo para um tipo absoluto de proibição contra elementos pré-verbais na expressão focal e o mesmo pode estar-se aplicando ao português.

Também se destacou na amostragem do português o subtipo denominado 'Clivada propriamente dita', com uma incidência de 21,0% dos casos (13/63), a que se seguiu a frequência de construções *é que*, com 14,0% dos casos (9/63), conforme se vê nos exemplos (52) e (53) respectivamente:

(52) *então ... acusam o pai ou a mãe aquele que não estiver presente foi aquele que fez...* (D2-SP-360:280)

(53) *tanto que quando eu vou a primeira que me pedem é que leve whisky... licor... perfume...* (D2-RJ-355:782)

3.3. Mecanismos específicos de focalização: subtipos de inversão de constituintes

Como se viu acima na análise da Tabela 1, alternantes de ordenação de constituintes, como mecanismo formal para a expressão de Foco, são responsáveis por 30,5% do total de casos do português (97/318) e apenas 10,0% do total de casos do inglês (33/316). Examina-se a seguir a distribuição de subtipos de construções de Foco que manifestam alternância na ordem dos constituintes, conforme demonstra a Tabela 4 abaixo.

	Português		Inglês	
	N	%	N	%
Inversão do Complemento	34	35,0	6	18,0
Flutuação do Quantificador	03	3,0	--	--
Inversão do Satélite	43	44,0	27	82,0
Inversão do Sujeito	17	18,0	--	--
Total	97		33	

Tabela 4: Ordem especial de constituintes

O português não só admite uma frequência muito maior que o inglês de expressão sintática de focalização, mediante o uso de

construções com o constituinte focalizado, seja ele argumento ou satélite, em posição especial, mas também admite um conjunto muito maior de variação nos subtipos de construção. Com efeito, os dados expostos na Tabela 4 indicam que o mecanismo sintático mais comum utilizado por usuários do português e do inglês é a inversão de satélites, mas no inglês essa estratégia tem aproximadamente o dobro da frequência relativa do português. O inglês se resume basicamente a essa estratégia de inversão de satélite, associada a uma frequência relativamente baixa de flutuação de complemento, conforme se observa nos exemplos (54) e (55) abaixo.

(54) *this kid, you know, she.. most of the time doesn't have money*, (0004:425.70)

(55) *these shoes we never did put on a horse*. (0001:248:97)

Observando-se os subtipos de ordem especial de constituintes do português, nota-se haver uma incidência quantitativamente significativa de inversão de satélite, com 44,0% (43/97) e de inversão de complemento, com 35,0% do total de casos (34/97), conforme o exemplos (56) e (57) abaixo.

(56) *eu acho que aqui nós já temos certas estradas relativamente bem sinalizadas...* (D2-BA-98:203)

(57) *então:: eu trabalho (no) horário que eles estão na escola... e o resto eu trago para casa...* (D2-SP-360:482)

Significativamente, inversão de sujeito não tem incidência comparativamente relevante nos dados do português²⁴; é possível que a estratégia escolhida para focalizar o sujeito seja outra, já que, em português, inversão de sujeito é estratégia mais utilizada para a introdução de Tópico, que é, de qualquer modo, o lugar de incidência da informação nova no discurso, como demonstra o exemplo (58) abaixo:

(58) *aqui é adverso o clima para eles... tenho essa impressão* (D2-SP-360:961)

Outro caso pouco significativo estatisticamente nos dados coletados é o subtipo flutuação de quantificador. Como se trata de

²⁴ Mais adiante, na seção 3.4., trata-se especificamente da relação entre as diferentes estratégias formais de focalização e o escopo em termos de categorias sintáticas na sentença. Vê-se, antecipando um pouco os resultados da Tabela 5, que os poucos casos de proeminência prosódica do português incidem majoritariamente sobre o sujeito.

operador de termo, é natural que sobre ele não haja incidência de Foco. Abaixo uma sentença que exemplifica esse subtipo:

(59) *sim... porque eu tenho crianças várias para pegar na escola... sabe?* (D2-SP-360:1606)

Reforçando um pouco mais a idéia de que inglês dispõe de sintaxe mais rígida que o português, os dados relativos aos subtipos de inversão, conforme expõe a Tabela 4, indicam menos variação sintática no inglês que no português, já que a amostragem referente ao inglês não dispõe de casos de flutuação de quantificadores e de inversão de sujeito. Além disso, o caso significativamente majoritário é deslocamento de satélite para a posição P1, conforme se verifica no exemplo (60) abaixo.

(60) *Wednesday I have an appointment at nine thirty*
(0007:1152.48)

Essa alta incidência de inversão de satélite não surpreende, pois já é canônico nas regras do inglês que esse tipo de constituinte pode

ser alocado tanto no início quanto no final das orações, apesar de ser preferencial a posição após os complementos.

Os casos de inversão de complemento têm também uma frequência muito baixa no inglês: apenas 18,0% (6/33), principalmente se comparada à frequência do mesmo mecanismo no português, que atinge, como se viu, 35,0% (34/97) dos casos. O exemplo (61) abaixo representa um dos seis casos de inversão de complemento no inglês.

(61) ***!Joy** I like... cause she's really interesting.* (0006:787.48)

Pode-se presumir que a ausência de reordenação de sujeito, no inglês, seja suprida pela estratégia de proeminência que, conforme demonstrado anteriormente, está presente em 35,0% dos casos do inglês, ou seja, o inglês acaba por preferir a estratégia de proeminência à reordenação de seus constituintes.

(62) ***!Trace** will probably be= about there* (0007:1270.01)

O fato de, nos dados do português, haver casos de reordenação de todos os subtipos de constituintes levantados reforça ainda mais a hipótese de que o português dispõe de uma sintaxe menos rígida que o inglês, de modo a permitir acomodar as diferentes estratégias sintáticas de focalização. Isso leva a pensar que, *mutatis mutandis*, o português, ao contrário do inglês, mantém uma estrutura de Foco menos flexível, característica demonstrada pela necessidade de usar algum mecanismo formal, além da simples acentuação, para prover a sentença dessa função pragmática.

3.4. Mecanismos de focalização e escopo

Após comparar as duas línguas de acordo com o uso que fazem das diferentes estratégias formais de focalização, torna-se relevante verificar, agora, o escopo de incidência do mecanismo de focalização, conforme a conceituação proposta por Dik (1989), anteriormente discutida. As Tabelas 5a e 5b abaixo mostram a distribuição dos dados de acordo com a relação entre tipos gerais de marcadores e escopo de incidência. A Tabela 5a mostra os dados relativos ao português e a Tabela 5b, os relativos ao inglês.

	Marcador		Clivagem		Proeminência		Ordem		Int. em Eco		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Sentença	24	18,0	2	3,0	---	---	---	---	---	---	26	8,0
Complemento	63	46,0	45	72,0	---	---	34	35,0	---	---	142	44,0
Sujeito	13	10,0	14	21,0	19	86,0	17	17,0	---	---	63	19,0
Satélite	17	13,0	1	2,0	1	4,0	43	46,0	1	100,0	63	20,0
Verbo	18	13,0	1	2,0	---	---	---	---	---	---	19	6,0
Operad/ Predicado	---	---	---	---	2	10,0	---	---	---	---	2	1,1
Operador Termo	---	---	---	---	---	---	3	2,0	---	---	3	1,9
Total	135	42,0	63	20,0	22	7,0	97	30,5	1	0,5	318	

Tabela 5a: Relação entre estratégias formais de focalização e escopo no português

	Marcador		Clivagem		Proeminência		Ordem		Int. em Eco		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Sentença	11	10,0	---	---	---	---	---	---	---	---	11	3,0
Complemento	39	33,0	45	84,0	---	---	6	18,0	3	100,0	93	29,0
Sujeito	3	2,0	4	8,0	103	93,0	---	---	---	---	110	34,0
Satélite	---	---	---	---	---	---	27	82,0	---	---	27	9,0
Verbo	64	55,0	3	8,0	---	---	---	---	---	---	67	22,0
Operad/ Predicado	---	---	---	---	5	5,0	---	---	---	---	5	2,0
Operador Termo	---	---	---	---	3	2,0	---	---	---	---	3	1,0
Total	117	37,0	52	17,0	111	35,0	33	10,0	3	1,0	316	

Tabela 5b: Relação entre estratégias formais de focalização e escopo no inglês

Observando-se, inicialmente, apenas os totais relativos ao constituinte sobre o qual incide a estratégia de focalização, é possível notar que, no caso da amostragem que se analisa neste trabalho, construções de Foco marcado, o Foco largo, que, segundo Van Valin (*op.cit.*) é o que se estende por toda a predicação, é relativamente reduzido nas duas línguas, resumindo-se a 8,0% do total de casos do português e apenas 3,0% do total dos casos do inglês. A grande maioria dos casos de Foco recaem sobre algum constituinte da predicação, configurando-se uma preferência quase absoluta por Foco estreito da parte dos usuários dos dois sistemas lingüísticos.

Em relação aos casos de Foco estreito, há algumas diferenças significativas a assinalar. Centrando a atenção nos totais, na última coluna à esquerda das Tabelas 5a e 5b acima, vê-se que há grande incidência de Foco no complemento, o que seria de esperar, haja vista que, como é natural que a informação nova recaia sobre o comentário, é necessário haver alguma estratégia especial para salientar o complemento além do esperado (exemplo 63). O português mantém incidência significativa sobre satélite, com 20,0% (63/318) dos casos e sobre sujeito, com 19,0% (63/318) dos casos, conforme se observam nos exemplos (64) e (65) abaixo.

(63) *o empréstimo você fica sempre na esperança de receber*
(D2-RJ-355:869)

(64) *porque se lhe pagassem um salário decente... você trabalharia **numa universidade** só **numa escola** só ...*
(D2-RJ-355:1462)

(65) *aliás, quando a gente vai fazer uma jantinha, qualquer coisa, **o Maciel** é que vai, **ele e o Barte** é que vão para a cozinha* (D2-RS-291:81)

São escassos os casos de incidência de Foco sobre o próprio verbo e sobre operadores ou termos no interior de algum tipo

secundário de sintagma, como SP. Para ilustrar, inserem-se abaixo dados que representam essa natureza de escopo nas sentenças do português.

(66) *e daí você só ter sido chamada... (há) questão de dois anos e meio* (D2-SP-360:607)

(67) *estatísticas NÃO ... dizem que o que o estatístico dizem que o estatístico é o homem que senta...* (D2-Pe—5:32)

(68) *eu acho que meu conceito de morar é diferente um pouco da maioria das pessoas que eu conheço...* (D2-PE-05:04)

Nos dados coletados do inglês falado, a incidência majoritária é sobre o sujeito, com uma frequência de 34,0% (110/316) dos casos, seguida de um percentual de 29,0% (93/316) de casos incidindo sobre o complemento e 22,0% (67/316) de casos incidindo sobre o verbo, numa distribuição muito diferente da que se discutiu acima, relativa aos dados do português falado. As sentenças (69), (70) e (71) ilustram respectivamente esses três tipos de escopo.

(69) *and **!Jay**'s not supposed to go on those anymore,*
(0007:444.58)

(70) ***farrier** is what they're called* (0001:266.37)

(71) *I just **think** it's so damn weird we're here.* (0005:529.10)

Já sobre o satélite, a incidência de Foco é relativamente baixa no inglês, restringindo-se a apenas 9,0% (27/316) dos casos. Exatamente como no português, são reduzidos e pouco significativos os casos de Foco com escopo sobre o operadores de predicado e de termo. As sentenças (72), (73) e (74) abaixo ilustram respectivamente esses casos menos freqüentes.

(72) *and I read that **l=ater** you know it was much later I read that in a book where, ...* (0005:305.92)

(73) *you d- you d- you **ca=n't** do that.* (0001:457.41)

(74) *and fifty percent of **a=ll** males, are HIV positive.*
(0002:628.78)

Quanto ao escopo de Foco estreito, os dois sistemas lingüísticos diferem, conforme a seguinte hierarquia, cujo aspecto mais curioso a salientar é que mudam drasticamente de ordem as posições de sujeito e de satélite:

	1-----	2-----	3-----	4
	>	>	>	
Português:	Complemento	Satélite	Sujeito	Verbo
Inglês:	Sujeito	Complemento	Verbo	Satélite

Figura 1: hierarquia de constituintes conforme a incidência da função de Foco

Examinando, agora, a relação entre tipo de mecanismo focalizador e seu escopo, pretende-se enfocar apenas os casos de clivagem e ordem em comparação à proeminência prosódica com objetivo de examinar a interferência dos mecanismos de focalização na sintaxe das duas línguas examinadas.

Examinando, inicialmente, os dados do português, tal como aparecem na Tabela 5a, verifica-se que os mecanismos de clivagem incidem majoritariamente sobre o complemento com um índice de 72,0% (45/63) e, em seguida, sobre o sujeito, com 21,0% (14/63), o que, de certo modo, mantém a hierarquia geral acima (*cf.* Figura 1). Vê-se que, no que tange ao mecanismo de ordem especial de constituintes, a hierarquia se altera: há 46,0% (43/97) de construções de ordem marcada com incidência sobre satélite, seguido de 35,0%

(34/97) desse tipo de operação incidindo sobre o complemento. O que se nota é a preferência na alteração da sintaxe para admitir Foco sobre complementos, satélites e sujeitos nos dados do português. É interessante observar, que, como numa espécie de distribuição complementar, a grande maioria dos poucos casos de proeminência prosódica no português incidem sobre sujeito: 86,0% dos casos (19/22). Em suma, há uma preferência nos mecanismos sintáticos por constituintes do predicado, complementos e satélites, enquanto no de proeminência prosódica, que mantém intacta a ordem de palavras, o português tende a dar preferência para Foco no sujeito que, nesse caso, fica alocado em sua posição inicial, com a manutenção do padrão SVO.

Examinando os dados do inglês, constantes da Tabela 5b, é possível observar, vale repetir, um grande número de casos de proeminência prosódica, com alta incidência sobre o sujeito: 93,0% (103/111). É interessante verificar que clivagem incide majoritariamente sobre o complemento, com 84,0% dos casos (45/52) e alteração de ordem, majoritariamente sobre o satélite 82,0% (27/33). Similarmente ao português, o inglês prefere os mecanismos sintáticos

para focalizar constituintes do predicado, enquanto o uso da proeminência prosódica incide sobre o sujeito.

Vê-se que as duas línguas parecem dispor de rigidez funcional na distribuição de cada um dos tipos de estratégia que manifestam preferência, cada qual, por um constituinte importante do esquema de predicado de uma sentença; assim tanto o inglês quanto o português mantêm a seguinte relação: proeminência (sujeito), clivagem (complemento); ordem (satélite > complemento). As diferenças que indicam diferentes posições no *continuum* dizem respeito às frequências de uso. Além disso, considerando o uso de marcadores, observa-se que o inglês o emprega preferentemente com verbos (incidência majoritária) e com sujeitos, enquanto o português os usa para focalizar majoritariamente complementos, a sentença toda e depois verbos e satélites

3.5. Mecanismos de focalização e finalidade comunicativa

Um dos traços mais característicos da teoria de Dik (1989) sobre focalização e que a diferem de outros enfoques sobre o mesmo assunto é a proposta de uma classificação dos diversos tipos com base na intenção comunicativa do Emissor (*Communicative Point*). É interessante para este trabalho verificar a frequência dos tipos, porque essa classificação pode fornecer informação contrastiva adicional sobre a natureza da focalização nas duas línguas investigadas. As Tabelas 6a e 6b abaixo apresentam os resultados de acordo com a relação entre estratégias formais de focalização e Finalidade Comunicativa.

	Marcador		Clivagem		Proeminência		Ordem		Inter. Eco		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Compleativo	---	---	38	60,0	22	100,0	91	94,0	1	100,0	152	47,0
Restritivo	89	67,0	25	40,0	---	---	---	---	---	---	114	36,0
Expansivo	46	33,0	---	---	---	---	---	---	---	---	46	15,0
Paralelo	---	---	---	---	---	---	6	6,0	---	---	6	2,0
Total	135	42,0	63	20,0	22	7,0	97	30,5	1	0,5	318	

Tabela 6a: Estratégias formais de Foco e Finalidade Comunicativa no português



	Marcador		Clivagem		Proeminência		Ordem		Inter. Eco		Total	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Completivo	---	---	2	5,0	111	100,0	33	100,0	3	100,0	149	47,0
Restritivo	104	89,0	50	95,0	---	---	---	---	---	---	154	49,0
Expansivo	13	11,0	---	---	---	---	---	---	---	---	13	4,0
Total	117	37,0	52	17,0	111	35,0	33	10,0	3	1,0	316	

Tabela 6b: Estratégias formais de Foco e Finalidade Comunicativa no inglês

As duas línguas não diferem significativamente quanto aos tipos de Foco: observa-se, na coluna à direita referente ao total de casos, que predominam os tipos Completivo, Restritivo e Expansivo, não havendo manifestação, pelo menos no corpus investigado, de Foco Seletivo e Substitutivo. Há algumas diferenças, todavia: predomina, no português, o tipo Completivo, com 47,0% (152/318), seguido pelo Restritivo com 36,0% (114/318) e, finalmente, pelo Expansivo com 15,0% (46/318). Além disso, os dados do português incluem 2,0% (6/318) de casos de Foco Paralelo, inexistente nos dados do inglês. A sentença (75) abaixo ilustra um caso de Foco Paralelo em português.

(75) *bom... com uns TApas... às vezes ela se coloca mas com palavras ela não se coloca...* (D2-SP-360:230)

Os dados do inglês manifestam preferência pelo Foco Restritivo com uma incidência de 49,0% (154/316), seguido pelo casos de Foco Completivo com um frequência de 47,0% (149/316); há apenas 4,0% (13/316) de casos de Foco Expansivo. Como se vê, os dados do inglês praticamente se dividem entre o Completivo e o Restritivo.

Como se lida aqui apenas com casos marcados de Foco, não deixa de ser curiosa essa alta incidência de casos de Foco Completivo, cuja Finalidade Comunicativa é apenas a de completar a informação pragmática do destinatário, função inerente do Foco em situação não-marcada. Observando-se o cruzamento entre as estratégias formais e os tipos de Foco segundo sua Finalidade Comunicativa, vê-se que a alta incidência de Completivo nos dados das duas línguas se dá com casos de “proeminência”, de “interrogativa em eco” e de “ordem”, com incidência total de casos, com exceção da estratégia “ordem de constituintes” no português, cuja frequência é, todavia, muito alta, 94,0% (91/97) dos casos de ordem.

O cruzamento mostra que esse comportamento é o esperado: proeminência, colocação especial de constituintes e interrogativa em eco são mecanismos usados para salientar um constituinte mais do que o esperado se ele aparecesse em sua posição inicial não-marcada,

situação em que não haveria, como é óbvia, caso especial de focalização. As sentenças (76 - 77) ilustram casos de proeminência e ordem do português com Finalidade Completiva, enquanto as sentenças (78 - 80) mostram casos de proeminência, ordem e interrogativa em eco com finalidade completiva no inglês:

(76) *e você... você é um professor universitário dessa área...*
(D2-RJ-355:620)

(77) *... mas eu acho que um:: trabalho assim... DE gabinete...
eu gostaria mais sabe?* (D2-SP-360:1244)

(78) *.. !Eli's parents probably tried to get him [transferred out
of his class].* (0004:904.99)

(79) *...in the beginning of the year there was a lot of classroom
work,* (0001:105.87)

(80) *you went where, I can't believe...* (0007:489.06)

A focalização mediante o uso de marcadores mostra incidência majoritária na função Restritiva, tanto no inglês quanto no português, embora os percentuais sejam maiores naquela, com 89,0% (104/117) do uso de estratégias lexicais com essa Finalidade Comunicativa, contra 67,0% (89/135) de uso no português. Os exemplos (81 - 82) mostram respectivamente casos de marcadores com função Restritiva

e Expansiva no português e os exemplos (83 - 84) os mesmos casos, aplicados ao inglês.

- (81) *os outros mesmos não se incubem de colocá-la no lugar dela?* (D2-SP-360:228)
- (82) *oficialmente não está encerrado... mas de fato está porque::... o endocrinologista proibiu terminantemente que eu tenha mais filhos... inclusive ... **se eu tiver**... ele disse que vai ser necessário um aborto...* (D2-SP-360:79)
- (83) *no, cause I've received notes back, especially **from this one girl**.* (0004:228.85)
- (84) *[well, even if **it's in Spanish**, maybe they can't read.*
(0004:222.20)

Os dados mais relevantes para a análise contrastiva dizem respeito à distribuição de clivagem; além de consistir em estratégia sintática, há uma diferença na distribuição de função comunicativa entre as duas línguas. Com efeito, tanto o português quanto o inglês concentram os casos de clivagem nos Focos Restritivos e Completivo, mas o inglês mantém uma incidência significativa de casos no Foco Restritivo, com 95,0% (50/52), havendo 5,0% de frequência de Foco Completivo; já o português mantém uma distribuição um pouco mais

eqüitativa: a incidência majoritária recai sobre os casos de Foco Completivo, com um índice de 60,0% (38/63), mas há frequência razoável de casos de Foco Restritivo, com um índice de 40,0% (25/63).

Mais que diferença, o cruzamento entre estratégias formais e Finalidade Comunicativa indica uma distribuição similar entre as línguas, como se cada estratégia estivesse encarregada de receber um papel comunicativo bem determinado, o que indica uma correlação interessante entre forma e função comunicativa com alguma tendência de ser uma característica translingüística que independe, obviamente, da estrutura das línguas particulares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando brevemente o objetivo geral, este trabalho consistiu num estudo descritivo da função pragmática de atribuição de Foco com a finalidade específica de estabelecer uma comparação entre a gramática do inglês e a do português em uso no processo de comunicação oral. A principal justificativa se assentou no pressuposto de que detectar semelhanças e diferenças é um estágio descritivo prévio e necessário à seleção de conteúdo instrucional, aplicável ao ensino do inglês como língua estrangeira, ainda que tratar especificamente de procedimentos pedagógicos não se enquadra nos interesses deste trabalho.

Tratou-se, por conseguinte, de observar os procedimentos de atribuição dessa função pragmática com o objetivo de tentar estabelecer um padrão tipológico de comportamento para as duas línguas examinadas, com base somente nas construções marcadas.



Para desenvolver o objetivo proposto, este trabalho alicerçou-se principalmente no modelo funcional de Dik (1989), com base nos seguintes mecanismos lingüísticos, universalmente empregados para formular construções de Foco marcado: o uso proeminência prosódica, de marcadores especiais, como advérbios focalizadores, de construções especiais, como interrogativas em eco, estruturas de clivagem, ordem especial de constituintes. Esses mecanismos foram abordados em relação a seu escopo, ou seja, se a expressão focal incide sobre toda a predicação, caso de Foco largo ou se incide sobre algum constituinte oracional, caso de Foco estreito. Além disso, tratou-se de enfocar as estratégias focalizadores do ponto de vista da Finalidade Comunicativa, tendo em vista a avaliação que um interlocutor faz da informação pragmática de que dispõe o outro.

Como se tratou de comparar dois diferentes sistemas lingüísticos, foi necessário dar um tratamento tipológico à atribuição focal, cujos pressupostos teórico-metodológicos têm origem na Teoria de Papel e Referência, proposta por Van Valin (1997). Tratou-se, então, de procurar correlações entre os parâmetros definidos por Dik (*op.cit.*) para uma classificação dos mecanismos lingüísticos de marcação de Foco e a tipologia lingüística baseada nos critérios de

rigidez vs flexibilidade da estrutura gramatical e da estrutura focal, proposta por Van Valin (*op.cit.*).

Como se viu, o contraste entre os tipos rígido e flexível de estrutura focal se refere a restrições impostas sobre o domínio potencial de Foco. Assim, línguas cujo domínio potencial é toda a sentença, dispõem de uma estrutura de Foco flexível, enquanto línguas cujo domínio potencial é restrito a uma subparte da oração principal dispõem de estrutura rígida de Foco.

Na concepção de Van Valin (*op. cit.*), tanto o português quanto o inglês são línguas de estrutura de Foco flexível em virtude de o constituinte focal incidir, sem restrições, sobre qualquer constituinte da oração e de rigidez sintática em virtude de apresentarem uma ordem fixa de palavras – a ordem SVO – que não precisa ser necessariamente modificada para a expressão de Foco.

Tomou-se como ponto de partida que o fato de constituírem sistemas de Foco flexível não significa que o inglês e o português não possam estar situadas em pontos diferentes de um *continuum* no âmbito da classe tipológica em que se acham inseridas conforme o parâmetro da atribuição de Foco. O que este trabalho procurou descobrir, na análise contrastiva que empreendeu, é se seria possível

ou não situar o inglês e o português em diferentes pontos desse *continuum*.

Tendo discutido em detalhe os resultados da análise no capítulo anterior, pretende-se aqui fazer um balanço final da proposta de trabalho e verificar se, afinal, as hipóteses desenvolvidas na Introdução são confirmadas ou rejeitadas pela análise da amostragem de dados.

Uma das hipóteses confirmadas é a de que marcadores especiais teriam a mesma proporção de casos nas duas línguas, uma vez que, não constituindo estratégia de natureza sintática, o escopo desses marcadores pode incidir sobre qualquer constituinte da oração, bem como sobre toda a oração sem necessitar alterações na ordem dos constituintes. Em virtude dessa característica, o uso dessas formas não acarreta nenhuma consequência para a alteração ou não de rigidez sintática e flexibilidade focal. Com efeito, os resultados mostraram que o mecanismo estatisticamente majoritário consiste no uso de marcadores especiais, cujos índices apontam ainda para uma distribuição bastante equilibrada entre os dois sistemas examinados.



Apesar dessa similaridade, confirmou-se amplamente a hipótese de que o inglês dispõe de sintaxe mais rígida que o português, com um número menor de possibilidades de reordenação de constituintes.

Um parâmetro que se correlacionou harmoniosamente com a sintaxe mais rígida do inglês ficou patente na frequência relativamente maior de uso de proeminência prosódica que o português, hipótese que se justificou no fato de que esse tipo de saliência, de natureza acentual, não implica a necessidade de reestruturação sintática para acomodar a atribuição de uma função pragmática como a de Foco.

Os dados demonstraram, com efeito, haver uma relação inversamente proporcional na frequência de duas estratégias aparentemente alternativas: enquanto o português apresenta apenas 7,0% de casos de proeminência prosódica e 30,5% casos de alteração de ordem canônica, no inglês, a frequência de casos de proeminência prosódica chega a 35,0% contra apenas 10,0% de casos de construção com Foco na posição P1.

Os resultados confirmaram que a incidência maior de proeminência prosódica para a atribuição de Foco deveria acarretar, em compensação, redução de mecanismos sintáticos, o que, de fato,

ocorreu com o inglês, que consiste em língua de sintaxe mais rígida do que o português.

Conforme os resultados demonstraram com meridiana clareza, o português dispõe de uma frequência, muito mais elevada que o inglês, de estratégias de focalização que exigem acomodação da estrutura sintática, ainda que a distribuição entre estratégias sintáticas e não-sintáticas seja muito próxima: 49,0% de estruturas não sintáticas contra 51,0% de estruturas sintáticas. O inglês, todavia, torna muito mais drástica e diferenciada a distribuição entre os dois tipos de mecanismos. A preferência majoritária é por executar a função pragmática de indicação de Foco, alterando minimamente a sintaxe, o que bem o demonstra o índice de 72,0% de emprego de estratégias não-sintáticas contra 28,0% apenas de estratégias sintáticas.

Esses resultados dão suporte mais consistente à hipótese de um *continuum* entre as duas línguas, que, apesar de estarem configuradas ambas como de sistemas de sintaxe rígida e de Foco flexível, acham-se situadas em pontos relativamente diferentes: o português tem sintaxe menos rígida e Foco menos flexível; exatamente o oposto se aplica ao inglês.

Ainda no âmbito das construções especiais, confirmou-se a hipótese de que os diversos tipos de clivagem apresentam diferente distribuição, em função dos diferentes graus de rigidez sintática e flexibilidade focal das duas línguas em estudo.

Com efeito, verificou-se uma diferença realmente significativa na distribuição de subtipos de clivagem: o inglês dá preferência para a construção *é que* (*x is that*), cuja incidência é majoritária entre os casos de clivagem 76,0%. Como se trata de predicação matriz com outra predicação encaixada com palavra-QU em posição inicial, que já é comum em interrogativas, é perfeitamente possível afirmar que essa seleção se acomoda com harmonia à natureza mais rígida da sintaxe do inglês, como se seus usuários optassem por uma construção com o objeto em posição P1, cujo resultado, no final, é de fato uma acomodação da sintaxe para abrigar a função focal

Interessante nos resultados foi observar a alta frequência que o português manifesta pela associação entre interrogativas e clivagem. Isso pode ser um indício de que, diferentemente do inglês, o português pode estar passando por uma mudança em direção ao tipo sintaxe rígida e Foco rígido, como o francês. À medida em que um sistema lingüístico se especializa no uso de uma mesma estratégia sintática

para representar formalmente a função pragmática de atribuição de Foco, como a clivagem, ele progride em direção de um sistema de Foco rígido. Essa é todavia uma hipótese que necessita de mais evidência empírica, além da que se dispõe nesta investigação.

Conforme o esperado, houve uma interação entre a natureza do mecanismo de focalização e seu escopo com o grau de rigidez da estrutura sintática. Esse tipo de correlação demonstra, acima de tudo, que a aproximação entre a teoria funcional de Dik e a de Van Valin pode ser ainda mais produtiva.

Com relação, inicialmente, apenas ao constituinte sobre o qual incide a estratégia de focalização, foi possível notar que, a incidência de Foco largo, que se estende por toda a predicação, é relativamente reduzido nas duas línguas. A grande maioria dos casos de Foco recaem sobre algum constituinte da predicação, configurando-se uma preferência quase absoluta por Foco estreito, aspecto em não diferem os dois sistemas lingüísticos.

Em relação aos casos de Foco estreito, os resultados apontaram para algumas diferenças significativas que cabe retomar neste balanço. Os dados demonstraram haver uma grande incidência de Foco marcado no complemento. Essa tendência não é de todo imprevisível:



como é natural que a informação nova recaia sobre o comentário, é necessário haver alguma estratégia especial para salientar o complemento além do esperado. O português mantém incidência significativa sobre complemento e satélite e o inglês sobre sujeito e complemento, deixando o escopo sobre satélite na última posição da hierarquia. Esses são dados curiosos que devem merecer futuramente uma investigação mais detalhada.

O exame da relação entre tipo de mecanismo focalizador e seu escopo restringiu-se ao enfoque dos casos de clivagem e ordem em comparação aos de proeminência prosódica, já que o objetivo específico desse procedimento foi verificar a interferência dos mecanismos de focalização na sintaxe das duas línguas examinadas. Os resultados indicaram haver uma preferência do português pela alteração da sintaxe para admitir Foco sobre complementos, satélites e sujeitos. Mais interessante ainda foi observar que, como numa espécie de distribuição complementar, a grande maioria dos poucos casos de proeminência prosódica no português incidem sobre sujeito. Em suma, há uma preferência nos mecanismos sintáticos por constituintes do predicado, como complementos e satélites, enquanto no de proeminência prosódica, que mantém intacta a ordem de palavras, o

português tende a dar preferência para Foco no sujeito que, nesse caso, fica alocado em sua posição inicial, com a manutenção do padrão SVO.

O exame dos dados do inglês permitiram observar um grande número de casos de proeminência prosódica, com alta incidência sobre o sujeito. Verificou-se, especialmente, que “clivagem” incide majoritariamente sobre o complemento e “alteração de ordem”, majoritariamente sobre o satélite. Similarmente ao português, o inglês prefere os mecanismos sintáticos para focalizar constituintes do predicado, enquanto o uso da proeminência prosódica incide sobre o sujeito.

Viu-se que as duas línguas parecem dispor de rigidez funcional na distribuição entre os tipos de estratégia e a preferência por um constituinte do esquema de predicado, preservando-se a seguinte relação: proeminência (sujeito), clivagem (complemento); ordem (satélite > complemento). As diferenças que indicam diferentes posições no *continuum* dizem respeito às frequências de uso. Além disso, considerando o uso de marcadores, observou-se que o inglês os emprega majoritariamente com verbos e com sujeitos, enquanto o

português os usa para focalizar majoritariamente complementos, a sentença toda e depois verbos e satélites

Outra hipótese confirmada é a de que deveria haver uma correlação entre estratégias formais e especificação da Finalidade Comunicativa do Foco. Mais que diferença, o cruzamento entre estratégias formais e Finalidade Comunicativa indicou uma distribuição similar entre as línguas, como se cada estratégia estivesse encarregada de receber um papel comunicativo bem determinado.

A consequência teórica mais interessante é constatar a correlação entre mecanismo formal e Finalidade Comunicativa, confirmando a idéia de que a classificação tipológica proposta por Dik manifesta tendência que transcende os limites das línguas particulares.

Para finalizar, pode-se afirmar que a restrição ao exame do Foco, mostrou-se perfeitamente adequado à natureza do ponto de vista adotado, o funcionalista por constituir categoria pragmática extremamente vinculada à situação de comunicação. Resta discutir como as generalizações podem ser utilizadas no ensino do inglês a falantes do português.

É possível afirmar que a análise descritiva aqui desenvolvida mostra que o domínio de uma língua como instrumento de

comunicação não se limita ao conhecimento exclusivo da estrutura gramatical, mas inclui necessariamente a capacidade de selecionar as estratégias formais que melhor se adaptem à situação específica de interação. Assim, a principal consequência disso é a certeza de o programa mais indicado para o ensino de língua estrangeira deve necessariamente levar em conta o uso da língua como instrumento de comunicação.

No processo de ensino, é comum que o aprendiz estabeleça relação entre as estruturas gramaticais das duas línguas envolvidas, a de partida, no caso o português, e a de chegada, no caso, o inglês. Esse procedimento cognitivo começa por pautar-se pela estrutura da língua que ele conhece de fato, no caso, a de partida. Isso o levaria a tentar aplicar ao inglês os mesmos processos gramaticais, semânticos e pragmáticos que ele verifica ocorrer no português. As evidências tipológicas demonstram que esse jogo cognitivo não é totalmente impraticável no domínio da focalidade, já que consistem a língua de partida e a de chegada em sistemas de Foco flexível, mas demonstram também que a substituição pura e simples não é a melhor estratégia, já que, como se viu, o inglês respeita mais a estrutura gramatical que o

português, empregando em frequência considerável a estratégia não-sintática de proeminência prosódica.

Além disso, há outras diferenças no uso de estratégias sintáticas, como a clivagem e a ordenação de constituintes que, por situarem os dois sistemas lingüísticos em diferentes pontos do *continuum*, exigem do processo de ensino-aprendizagem um posicionamento atento do professor para resolver discrepâncias, à primeira vista sutis, que podem levar a conseqüências desagradáveis para quem fala a língua estrangeira, similarmente ao que ocorre com as diferenças fonológicas. Esses aspectos resistentes do aprendizado cabal da língua estrangeira deixam sempre a impressão no falante nativo de que ele está sempre diante de um estrangeiro.

Um tratamento cuidadoso desses aspectos diferenciadores no processo de ensino-aprendizagem são necessariamente precedidos de um conhecimento explícito das relações entre a dimensão formal, sintática, e a comunicacional, pragmática. Se a descrição lingüística aqui desenvolvida foi capaz de demonstrar com objetividade e coerência teórico-metodológica, que ela por si só não conduz o processo pedagógico, mas que constitui uma preliminar indispensável



ao desenvolvimento de uma prática de ensino eficaz, pode-se afirmar este trabalho atingiu completamente seus objetivos.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRAGA, M. L. Fala, escrita e estratégias de focalização. *Série Encontros: Descrição do português: abordagens funcionalistas*, Araraquara, n. 1, p. 281-298, 1999.
- CAMACHO, R. G. Algumas reflexões sobre as tendências atuais da lingüística. *Confluência*. N. esp., 1994, p. 15-38.
- CASTILHO, A. T. de, & PRETI, D. (Orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. v. I: Elocuções formais. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP, 1986. P.11-12.
- _____. (Orgs.). *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo*. v. II: Diálogo entre dois informantes. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP, 1986.
- DIK, S. *The theory of Functional Grammar*. (Part I: The structure of the clause) Dordrecht: Foris, 1989.
- _____. Focus constructions: basic patterns. In: *The theory of functional grammar*. Part. II: Complex and derived constructions. New York: Mouton, 1997. p. 291-312.
- DU BOIS, J. & CHAFE, W. *Corpus of spoken American English*. University of Santa Barbara, Santa Barbara, 2000. (cd room)
- ILARI, R. et al. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: *Gramática do português falado*. Campinas: Editora da UNICAMP/FAPESP, 1990. p. 67-136.
- JAKOBSON, R. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 1969.

MIRA MATEUS, M. H. *et al.* *Gramática da língua portuguesa*. Coimbra: Almedina, 1994. p. 207-17 e 344-59.

NEVES, M. H. M. Uma visão geral da gramática funcional. *Alfa* (São Paulo), v. 38: O Funcionalismo em lingüística. 1994. p. 109-128.

_____. *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PEZATTI, E. G., CAMACHO, R. G. Aspectos funcionais da ordem dos constituintes. *D.E.L.T.A.*, v. 13. n. 12, 1997. p. 191-214.

QUIRK, R. *et al.* Theme, focus, and information processing. In: *A comprehensive Grammar of the English language*. New York: Longman, 1989. p. 1355-1419.

ROULET, E. *Teorias lingüísticas, gramáticas e ensino de línguas*. São Paulo: Pioneira, 1978.

SANKOFF, D. *VARBRULE2*. Mimeographed, Université de Montréal, 1975.

SWAN, M. *Practical English usage*. Oxford: Oxford University Press, 1997.

VAN VALIN, R., LaPOLL, R. Information structure. In: *Syntax: structure, meaning and function*. Cambridge, Cambridge University Press, 1997. p. 199-237.

VAN VALIN, R. A. Typology of the interaction of Focus Structure and Syntax. In: RAXILINA, E., TESTELEC, J. (eds.), *Typology and the Theory of Language: from description to explanation*. Moscow, 1999.

ANEXO 1

Normas para transcrição do português

Ocorrências	Sinais	Exemplos
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	do nível de renda... () nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre	/	e comé/ e reinicia
Entonação enfática	Maiúscula	Porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para::: ou mais	ao emprestarem os... éh::: .. o dinheiro
Silabação	-	por motivo de tran-sa-ção
Interrogação	?	e o Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda...
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))	((tossiu))
Comentários que quebram a sequência temática da exposição; desvio temático	-- --	... a demanda de moeda -- -- vamos dar essa notação -- -- demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	[ligando as linhas	A: na casa de sua irmã B: Sexta-feira
Indicação de que a fala	(...)	(...) nós vimos que

foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.		existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	“ “	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... “O cinema falado em línguas estrangeiras não precisa de nenhuma baRREIra entre nós”...

OBSERVAÇÕES:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP etc.)
2. Fáticos: *ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por *está: tá?* você *está* brava?)
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa)
6. Não se anota o *cadenciamento da frase*.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: *oh::...* (*alongamento e pausa*)
8. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*.²⁵

²⁵ (cf. CASTILHO, A., PRETI, D., 1986, p. 11-12)



ANEXO 2

Normas para transcrição do inglês

Unidades:

Unidade de entonação	RETURN
Unidade de entonação truncada	--
Palavra	SPACE
Palavra truncada	-

Falantes:

Identidade do falante/começo de turno	:
Sobreposição de falas	[]

Continuidade de transição:

Final	.
Continuidade	,
Chamada pelo interlocutor	?

Direção do acento final:

Queda	\
Aumento	/
Mantido	—

Acento e prolongamento:

Acento primário	^
Acento secundário	`
Aumento/exclamatório/enfático	!
Prolongamento/proeminência	=

Tom:

Queda	\
Aumento	/
Queda-aumento	∨
Aumento-queda	∧

Mantido

—

Pausa:

Longa

...(N)

Média

...

Curta

..

Travada/fechada

(0)

Som vocal:

Sons vocais

()

Inalação

(H)

Exalação

(Hx)

Parada glotal/oclusiva

%

Risada

@

Qualidade:

Qualidade

<YY>

Qualidade de risada

<@@>

Qualidade de citação

<QQ>

Qualidades de características múltiplas

<Y<ZZ>Y>

Fonética:

Transcrição fonética

(/ /)

Perspectiva do pesquisador:

Comentários do pesquisador

(())

Compreensão imperfeita

<XX>

Sílaba indecifrável

X

Notação específica:

Duração

(N)

Unidade de entonação contínua

&

Fronteira de subunidade de entonação

|

Unidade de entonação encaixada

<|>

Apagamento

Início falso

<>

Mudança de código

<L2 L2>

Linhas não transcritas:

Comentários

\$

Comentário entre a transcrição

\$G

Símbolos reservados:

Fonêmico/ortográfico

‘

Codificação morfossintática

+ * # { }

Definição do usuário

“ ~ .²⁶
;

²⁶ (cf. DU BOIS, J., CHAFE, W., 2000, *cd room*.)

